

QUAL O PAPEL DOS MEDIA NA DIFUSÃO DA MÚSICA TRADICIONAL MIRANDESA?

What is the role of the media in the dissemination of mirandesa traditional music?

RIBEIRO, Ana¹, FURTADO, M. G.², XAVIER³, Mariana, BORGES⁴, Marlene, & FERREIRA, Marlene⁵

Resumo

O presente artigo científico pretende investigar qual é o papel dos media na difusão da música tradicional Mirandesa. Tendo em conta que os media têm um grande impacto na esfera pessoal do individuo e sabendo que a cultura mirandesa ameaça desaparecer, este artigo ambiciona desvendar se os meios de comunicação nacionais difundem, na realidade, a sua música característica. De forma a fundamentar este estudo, elaboramos um questionário online e realizamos entrevistas a sujeitos envolvidos na temática.

Abstract

The present scientific article aims to investigate what is media's role in broadcasting traditional *Mirandesa* music. Given that media have a great impact in an individual's personal life and knowing that *Mirandesa* culture threatens to disappear, this article aspires to unveil if national media actually broadcast its characteristic music. In order to ground this study, we elaborated an online questionnaire and interviewed individuals involved in the issue.

Palavras-chaves: *Miranda do Douro; Língua Mirandesa; Música Mirandesa; Media.*

Keywords: *Miranda do Douro; Mirandese Language; Mirandesa Music; Media.*

Data de submissão: março de 2020 | **Data de Publicação:** setembro de 2021.

¹ ANA RIBEIRO – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. E-mail: anaa.maiaa13@gmail.com

² MARIA GORETI FURTADO – UTAD, PORTUGAL. E-mail: goretifurtado.25@gmail.com

³ MARIANA XAVIER – UTAD, PORTUGAL. E-mail: mariana_xavier95@hotmail.com

⁴ MARLENE BORGES – UTAD, PORTUGAL. E-mail: marlene_rferreira@hotmail.com

⁵ MARLENE FERREIRA – UTAD, PORTUGAL. E-mail: marlene1418@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A região de Miranda do Douro é conhecida pela sua própria identidade cultural. Sendo a cultura padrões ou modelos humanos, partilhados ou aprendidos, que permeiam a interação social (Damen, 1987, p. 367), verifica-se que, neste território, existem vários aspetos distintos dos restantes portugueses. A própria língua Mirandesa traça, de imediato, barreiras, pois esta delinea a música, a dança, a literatura e outras manifestações culturais.

Segundo François Guizot, a música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo. E, na região de Miranda, a música tem características muito próprias – os instrumentos, as melodias e as letras.

Os media, como principal fonte de referência para tudo o que sai da sua esfera pessoal do individuo (Rieffel, 2003, p. 42), são considerados importantes difusores de informação. Os meios de comunicação social portugueses são, assim, também, essenciais para propagar os mais diversos temas, sendo a música um deles.

Porém, é pouco habitual a transmissão de músicas mirandesas, nos meios de comunicação social portugueses. Este artigo pretende, então, indagar qual o papel dos media na difusão da música mirandesa, deduzindo que a sua reprodução é escassa.

De forma a fundamentar o presente estudo, realizamos diversas leituras de artigos já publicados. Notamos que há pouco estudos à volta da temática, o que dificultou a elaboração do artigo. No entanto, a autora Mariana Xavier, natural de Miranda do Douro, tem conhecimentos profundos sobre a temática, dado que cresceu na região e empregou-os no presente artigo. Foram elaboradas, também, entrevistas a três figuras que representam um papel fundamental na preservação da cultura mirandesa. Ainda construímos um questionário online, que serviu de apoio para o estudo.

A vontade de conhecer um pouco mais profundamente quem fala o Mirandês e tem a Cultura e a Música Mirandesas como suas guiou-nos ao longo de toda a nossa pesquisa. Principalmente ao reconhecermos o brilho no olhar de quem delas fala e do orgulho que transparece da voz de quem as vive. Assim como a Língua Portuguesa era para Fernando Pessoa a sua Pátria, também para este Povo a Língua Mirandesa será a sua Pátria.

A Língua Mirandesa

A língua mirandesa é falada no Nordeste de Portugal, mais precisamente, nas aldeias do concelho de Miranda do Douro, com exceção de Atenor e Teixeira, e em três aldeias do concelho de Vimioso, sendo elas Vilar Seco, Angueira e Caçarelhos, no distrito de Bragança. A origem desta língua, que muitas vezes é confundida com um dialeto, remonta até ao século VI-VIII (Quarteu & Conde, 2002, p. 89). O idioma nasceu a partir de um dos romances fundados na Península Ibérica, a partir do latim, que resultou na formação da família de línguas astur-leonesas – onde o mirandês se integra (Ferreira, 2006). Na época, o reino de Leão comunicava, a partir da língua mirandesa, tanto a corte como os documentos escritos nos mosteiros (Ferreira, 2005). No entanto, quando se estabeleceram fronteiras políticas, entre Portugal e Espanha, estas não se ajustaram com as linguísticas (Ferreira, 2005).

O primeiro texto escrito em língua mirandesa data o ano de 1884 e foi redigido pelo filólogo José Leite de Vasconcelos (Alves et al., 1999, p. 6), já que até essa data era uma língua exclusivamente oral.

Só em 1999 é que os falantes desta língua, viram-na reconhecida, oficialmente (Alves et al., 1999). O estatuto oficial foi publicado no Diário da República, a 29 de janeiro, e continha os seguintes artigos⁶:

«A atribuição de estatuto oficial ao mirandês foi feita pela Lei 7/99, publicada no Diário da República - 1.ª Série A, n.º 24, de 29/1/1999, pág. 574.

Artigo 1.º

O presente diploma visa reconhecer e promover a língua mirandesa.

Artigo 2.º

O Estado Português reconhece o direito a cultivar e promover a língua mirandesa, enquanto património cultural, instrumento de comunicação e de reforço de identidade da terra de Miranda.

Artigo 3.º

É reconhecido o direito da criança à aprendizagem do mirandês, nos termos a regulamentar.

Artigo 4.º

As instituições públicas localizadas ou sediadas no concelho de Miranda do Douro poderão emitir os seus documentos acompanhados de uma versão em língua mirandesa. [...]»

⁶ Informação retirada do respetivo URL: <http://mirandes.no.sapo.pt/LMPSlei.html>

Segundo o Jornal Expresso, um grupo de linguistas, em 2008, estabeleceu uma convenção ortográfica, patrocinada pela Câmara de Miranda do Douro, para criar regras claras para escrever, ler e lecionar e, ainda, para unificar a escrita.⁷

No ano de 2015, em junho, Portugal e Espanha, criaram um protocolo para promover as línguas mirandesa e asturiana. O documento conta as assinaturas do município de Miranda do Douro, a Associação de la Lhéngua i Cultura Mirandesa e a Academia de la Llingua Asturiana.⁸

A Cultura Mirandesa

Antes de conhecermos alguns aspetos essenciais da cultura mirandesa, é necessário analisar o conceito de cultura, separadamente.

O termo «cultura» é polissémico, ou seja, pode ser entendido, de forma diferente, por vários autores. O dicionário da Porto Editora define-a como: “conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades” e ainda, no mesmo, encontramos outro significado: “sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou um grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte da vida individual e coletiva dessa sociedade ou grupo”. A autora, Loise Damen, da obra “Culture Learning: The Fifth Dimension in the Language Classroom” considera que a cultura são padrões ou modelos humanos, partilhados ou aprendidos, para a vida. Ou seja, padrões utilizados para o dia-a-dia. Esses padrões permeiam todos os aspetos da interação social (Damen, 1987, p. 367). Ainda considera a Cultura o principal mecanismo de adaptação da humanidade (Damen, 1987). Também pode ser definida como uma programação coletiva da mente que distingue os membros de uma categoria da outra (Hofstede, 1984, p. 51).

Tendo, agora, presente estas definições conseguimos perceber que a região de Miranda de Douro possui padrões distintos de interação social, em relação à cultura portuguesa, isto também devido à sua posição geográfica, à fauna e à flora existentes. A

⁷ <http://expresso.sapo.pt/cultura/2015-06-20-Portugueses-e-espanhois-assinam-protocolo-para-promocao-das-linguas-mirandesa-e-asturiana>

⁸ <http://expresso.sapo.pt/cultura/2015-06-20-Portugueses-e-espanhois-assinam-protocolo-para-promocao-das-linguas-mirandesa-e-asturiana>

dança, a música, as festas tradicionais, o artesanato, a própria gastronomia e a literatura popular – que são manifestações culturais – têm raízes próprias.

A dança tem um significado bastante importante, em qualquer cultura, como defende o musicólogo e folclorista Alan Lomax.⁹

*“We feel very clearly that dance is a kind of a
center of the main aspects of movement style that links people together in a
culture.”*

(Lomax, 1987)

Na cultura mirandesa, existem vários grupos de dança tradicional, que representam a região. Os Pauliteiros são um grupo, exclusivamente de homens, – ainda que atualmente já existam grupos de pauliteiras – que difere bastante dos outros ranchos. A sua coreografia é bastante complexa e é acompanhada dos paulitos e castanholas. Por norma, a sua formação é constituída por oito homens e três músicos, que toquem gaita de foles, caixa e bombo, usando um vestuário próprio. Tradicionalmente, o grupo realiza um peditório, da forma antiga, que começa às seis da manhã, após a alvorada dos gaiteiros, dançam alguns *lhaços*, em frente às igrejas e capelas, e ainda rezam, em frente às casas que estão de luto. Como a dança dos pauliteiros é sempre acompanhada por gaita de foles, bombo e caixa, impossibilita o cantar da letra, pois todas estas músicas têm uma letra associada. As danças variam assim das diferentes temáticas que a letra aborda, podendo ser de carácter religioso, agrícola, festivo, amoroso, bélico ou até mesmo o dia-a-dia das pessoas. Nos ensaios da dança, como quase sempre não existe uma gaita-de-foles, os dançadores cantam a letra da música.

Esta região também é preenchida por diversas festas tradicionais, desde festas religiosas a profanas. Dentro das festas religiosas temos as missas e procissões em honra de vários santos como é exemplo de St^a Bárbara, mas também romarias como é exemplo a Nossa Senhora do Naso ou a Nossa Senhora da Luz. Além de religiosos, também existem rituais profanos, mais relacionados com o solstício de inverno como a fogueira do Galo realizada em diferentes freguesias, a *Fiesta de ls Moços* em Constantim, o Enterro do Ano Velho em Miranda do Douro e a Festa da Velha e do Menino em Vila Chã da Braciosa.

⁹ Informação retirada do respetivo URL: http://research.culturalequity.org/ce_ace_psr_choreometrics.pdf

O artesanato das Terras de Miranda é bastante rico, desde os trajes tradicionais, à gaita-de-foles, às máscaras tradicionais, entre outros. Sendo o clima da região muito áspero, o vestuário teve que se adequar quer ao clima quer às atividades praticadas pela gente desta terra. Criaram assim trajes de certa maneira austeros, simples, artesanais e domésticos, feitos à base do linho e lã (burel e saragoça). São exemplos a capa de Honras, os coletes, o traje tradicional da mulher e do homem mirandês e o traje dos Pauliteiros. A gaita-de-foles é feita tradicionalmente e manualmente por artesãos, sendo um trabalho muito minucioso e tem como matéria-prima as peles de animais, a madeira e palheta. As máscaras tradicionais são usadas em rituais profanos e feitas de madeira.

Em relação à gastronomia, esta região é recheada com diversos sabores. São exemplos, a posta de vitela Mirandesa, o cordeiro de raça Churra Galega Mirandesa, a Bola doce Mirandesa, o foliar de carne, os enchidos de porco (alheira, butelo, chouriça, salpicão) e outros doces tradicionais.

Sempre existiu literatura mirandesa de tradição oral nos mais diversos domínios de expressão popular: poesia, romance, conto, cantiga, oração, em que grande parte ainda está por recolher e estudar. A literatura escrita em língua mirandesa iniciou-se em 1884 por José Leite de Vasconcelos com *Flores Mirandesas*. Ainda no século XIX assiste-se à publicação de poemas originais por Francisco Meirinhos, de traduções de Camões e de Antero de Quental por Manuel Sardinha, de Camões e dos Quatro Evangelhos por Bernardo Fernandes Monteiro. No século XX, António Maria Mourinho publicou vários poemas em mirandês, reunidos em *Alma i Nuossa Tierra*. A partir dos anos 90 do mesmo século, surgiram vários autores como Alcina Pires, Alfredo Cameirão, Amadeu Ferreira (e dos seus pseudónimos Francisco Niebro, Marcus Miranda e Fonso Roixo) António Bárbolo Alves, Bina Canguero, Carlos Ferreira, Domingos Raposo, Duarte Martins, Emílio Martins, Faustino Antão, José Francisco Fernandes, Manuel Preto, Marcolino Fernandes, Rosa Martins, Valter Deusdado. Várias obras destes autores estão publicadas em livros, mas também por jornais, revistas, sítios e blogs na internet. Amadeu Ferreira é um dos grandes exemplos, investigador e escritor, publicou vários livros em mirandês como *La Bouba de la Tenerie* e *Ars Vivendi, Ars Moriendi*, mas também traduziu várias obras como *A Mensagem* de Fernando Pessoa e duas aventuras de *Astérix e Obélix*.

A música mirandesa, como tema central do presente artigo, será abordada posteriormente, em mais profundidade.

A Música Tradicional Mirandesa

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo.” (Guizot, François)

“Música colossal portuguesa. Vêm de terras de Miranda. É mais que música portuguesa. É a futura raiz de um povo. Bordem a oiro este nome na vossa memória fixa.” (João Bonifácio - suplemento Y, Público, 15 de abril de 2005)

A música tradicional mirandesa é uma importante manifestação da cultura mirandesa.

Como noutra cultura, a música mirandesa tem aspetos muitos próprios desde os instrumentos, às melodias e às próprias letras. A musicalidade nesta região existe em canções, nos lhaços e noutros registos, como nos destrava-línguas, nos jogos infantis, nas adivinhas e outros trocadilhos de palavras em mirandês.

*“Mano, mano muorta, santicos a la puorta
alhá ben Son Brás culas manos atrás, trás, trás” (Jogo infantil)*

A música mirandesa está assim no dia-a-dia da gente destas terras, na dança e na celebração de festas, com as letras maioritariamente em mirandês. Temos o exemplo da música ‘*Tirioni*’ que é uma canção de embalar que retrata o dia-a-dia das pessoas, cantada pelas mães para adormecer os seus filhos, com uma melodia triste e calma.

*“Cardai, cardicas cardai
La lhana pals cubertores
Que las pulgas stan prenhadas
Ban a parir cardadores*

*Tirioni, tioni, tioni
Tirioni, tioni, tionó*

*A la antrada de Sendin
Hai ua piedra redonda
Onde se sentan ls moços
Quando benen de la ronda”*

Durante a atividade de trabalhos agrícolas e de pastorícia, também várias músicas eram cantadas para ajudar a que o tempo passasse, mais rapidamente, como é exemplo da música ‘*Aqueilha carreira d’ulmos*’, cantada durante o segar dos cereais.

*“Aqueilha carreira d’ulmos
Eide lha mandar curtar
Quien anda ciego d’amores
Nun pude ber berdegar

Estes ulhos nun sao ulhos
Que são dues azeitunicas
Fechados são dous botones
Abiertos são dues azeitunicas”*

‘*Mira-me Miguel*’ é outra balada estrófica com refrão repetidos, ritmada pelo pandeiro e dançada para festejar o regresso do pastor à aldeia. Na sua execução alterna o canto em grupo e em diálogo entre homem e mulher. Os *lhaços* dos pauliteiros também exigem musicalidade, assim como letras próprias que fazem variar a dança em diferentes temáticas que a letra aborda, podendo ser de carácter religioso, agrícola, festivo, bélico ou até mesmo o dia-a-dia das pessoas. Por exemplo, a música ‘*Mirandum*’, usada na dança dos pauliteiros, retrata uma guerra que ocorreu nas Terras de Miranda.

*‘Mirandum se fui a la guierra, nun sei quando bendrá
Nun sei quando bendrá, nun sei quando bendrá.
Nun sei se benira pur la Páscoa, Mirandum, Mirandum, Mirandela
Nun sei se benira pur la Páscoa, ou pur la Trenidád
Se pur la Trenidád, se pur la Trenidád
La Trenidád se passa, Mirandum, Mirandum, Mirandela
La Trenidád se passa, Mirandum nun bene ya.
Mirandum nun bene ya, Mirandum nun bene ya.’*

Existe um grande esforço por parte de etnomusicólogos, investigadores, grupos tradicionais mirandeses e pelo Centro de Música Tradicional ‘Sons da Terra’ em recolher e gravar as músicas tradicionais mirandesas pois, grande parte das músicas foram transmitidas de geração em geração através da via oral, e com o desaparecimento das pessoas, também a cultura musical está a desaparecer, algo que não pode acontecer, isto porque a música tradicional mirandesa é um fator marcante e distintivo das gentes do Nordeste Transmontano.

Os Instrumentos e o Vestuário calejados na música tradicional Mirandesa:

Os instrumentos mais utilizados são, assim como na dança, a gaita de foles, a caixa de guerra, o bombo, mas também o pandeiro, a pandeireta, o realejo, o acordeão entre outros. A música mirandesa é representada por instrumentos específicos, nomeadamente, a gaita-de-foles. A gaita-de-foles Mirandesa é um marco do planalto mirandês e é, a nível Europeu, um dos mais raros e arcaicos instrumentos aerofone, idêntico ao que se supõe ter sido o seu padrão Medieval. Em termos de autenticidade, a Gaita Mirandesa será, uma das que apresenta atualmente maior interesse antropológico e musical na Europa. Esta particularidade deve-se sobretudo ao prolongado isolamento geográfico da região, que fomentou um estado de retardamento no desenvolvimento social e, por outro lado, a classe mais idosa conservou esta tradição (Gaiteiros tradicionais, que em Mirandês se designam por "Gueiteiros"). A gaita-de-foles Mirandesa tem características de afinação únicas, distintas das restantes gaitas que se encontram na região Transmontana, designadamente na raia fronteira a Norte. Exemplificando, na região Transmontana Norte, verifica-se que as afinações tendem para uma escala destemperada com tónica em Sib, correndo o modo menor em toda a ponteira, ao invés da original Gaita de Fole Mirandesa, sem nenhuma exceção, que apresenta apenas um bordão, que apoia sobre o ombro do Gaiteiro sensivelmente na horizontal ou mesmo descaindo um pouco para trás, que afina com a tónica do ponteiro duas oitavas abaixo deste.

As festas e romarias de Terras de Miranda eram, essencialmente, as locais mais laudáveis à demonstração da música mirandesa, usufruindo deste instrumento. Antigamente, apenas os bons Gaiteiros eram contratados pelos Mordomos das festas. Por vezes, era alterada a data da festa ou da romaria à data de disponibilidade do próprio Gaiteiro. As Bodas, por exemplo, não se realizavam sem a presença de um bom Gaiteiro¹⁰.

Os media e a música mirandesa

‘Nós tenemos muitos nabos

*Nós tenemos muitos nabos
a cozer nua panela,
nun tenemos sal nien unto
nien presunto nien bitela
Mirai qu'alforjas, mirai qu'alforjas*

¹⁰ Informação baseada a partir do respetivo URL: <http://galandum.co.pt/node/18>

*uas mais lhargas, outras mais gordas
uas de lhana, outras de stopa*

*Ls chocalhos rúgen, rúgen
ls carneiros alhá ban
an chegando a Ourrieta Cuba
ls carneiros bulberan.*

*Mirai qu'alforjas, mirai qu'alforjas
uas mais lhargas, outras mais gordas
uas de lhana, outras de stopa.'*

(Música cantada por vários grupos tradicionais, como por exemplo os Galandum Galundaina.)

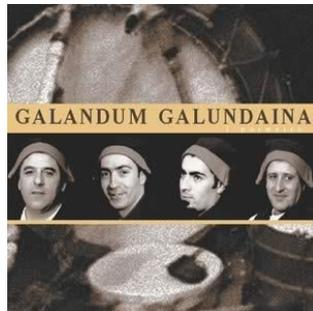
A transmissão ou partilha de conhecimentos era muito reservada e escassa, muitas vezes, assumidamente inexistente, mesmo de pais para filhos. No entanto, em defesa da diversidade cultural como forma de evolução e salvaguarda de um património coletivo e reconhecimento nacional, existem grupos que usufruem da Gaita-de-foles para divulgar as músicas mirandesas. É o caso das *Las Çarandas* (primeiro grupo feminino de gaitadeiras), quatro instrumentistas que se uniram com o intuito de difundirem as músicas e danças do cancionero tradicional mirandês. Manter os costumes é o primordial objetivo destas soberanas. Por outra via, concedem uma formação na área dança, ensinando os primeiros passos das danças tradicionais e, conseqüentemente, cativando o público na participação de espetáculos futuros. As gaitadeiras do planalto mirandês são representadas pela Associação Cultural Lérias. As *Las Çarandas* são Raquel Teixeira (Gaita Foles), Suzana Ruano (Gaita de Foles), Diana Caramelo (Caixa de Guerra), Nina Repas/Ana Guerra (Bombo). O grupo tem ainda um cuidado especial com o vestuário com que se apresenta.¹¹

*“Quisemos que as nossas roupas tivessem uma parte da tradição
mirandesa, onde o burel é a base, aliado um corte moderno”,
acrescenta Susana Ruano.*



¹¹ Informação retirada do respetivo URL: <http://mag.sapo.pt/musica/artigos/las-carandas-grupo-feminino-de-gaitadeiras-quer-ser-lufada-de-ar-fresco-na-musica-tradicional-mirandesa?artigo-completo=sim>

Outros dos grupos existentes é o *Galandum Galundaina* de Fonte Aldeia, Miranda do Douro. Formou-se em 1996 e criou-se a Galandum Galundaina Associação Cultural com o intuito de recolher, inquirir e propagar o património musical das terras de Miranda, bem como as suas danças e língua. Para além disso, o próprio grupo contribuiu para o estudo, salvaguarda e difusão da identidade cultural das terras de Miranda, já que, reunido de pessoas mais velhas com conhecimentos rigorosos do legado musical da região, apostou numa formação académica na área da música. Deste modo cantam e contam os lugares e a vida, tal como resguarda o cancionero tradicional mirandês. Este grupo já editou três discos e um DVD ao vivo. Este trabalho inclui a padronização da gaita-de-foles mirandesa, por outra via, a construção de instrumentos tradicionais (usados em concerto) e, ainda, a organização do Festival itinerante de cultura tradicional “L Burro i l Gueiteiro”, bem como o planeamento de outros festivais/eventos relacionados com a cultura tradicional. Apresentam um repertório vocal e instrumental na herança do cancionero tradicional das terras de Miranda: retrata as memórias da Sanfona, da Gaita-de-foles Mirandesa, da Flauta pastoril, do Rabel, do Saltério, do Cântaro, do Pandeiro mirandês, do Bombo e da Caixa de Guerra, nascendo uma música que acumula referências, lugares, intensidades, tempos¹².



Lenga-lenga, de Sendim, Miranda do Douro, designa um outro grupo de Gaiteiros Mirandeses. Os *Lenga-lenga* têm como objetivo desenvolver o repertório Mirandês analisando, recolhendo e criando novos temas tradicionais, incentivando assim o gosto pelo instrumento Gaita-de-foles. Contudo, mantêm-se fiéis à melodia tradicional, quer nos ritmos, quer no timbre oral da língua mirandesa, bem como usando o traje tradicional dos gaiteiros mirandeses. Retratam, portanto, a passagem do mais importante testemunho tradicional dos seus antepassados: a língua, cantares, danças mistas e pauliteiros. Germinaram a 19 de julho de 2000, com três elementos, mas atualmente comportam quatro elementos.¹³

¹² Informação retirada do respetivo URL: <http://www.galandum.co.pt/>

¹³ Informação retirada do respetivo URL: <http://www.lengalenga.net>



Por último, o grupo *Pica Tumilho*, oriundo de Sendim, toca as suas músicas de rock em mirandês. Desabrocharam em 1998. Retratam temas como as condições das estradas transmontanas e a defesa dos interesses dos agricultores. Já produziram dois álbuns: *Sacho, Gaçpóia i rock'n'roll* (o primeiro) e *Faiçca, ua stória d'amor i laboura* (o segundo). Contribuem vivamente para a preservação da melodia mirandesa, neste caso em modo rock.¹⁴

Por todo o Planalto Mirandês existem diversos grupos de música tradicional mirandesa, com um objetivo comum: recolher e preservar as músicas tradicionais mirandesas.

Referindo, ainda, um aspeto fulcral acerca da música tradicional mirandesa é a existência do *Sons da Terra*. É uma editora privada, situada na cidade de Vila Nova de Gaia, que grava músicas e canções tradicionais de várias zonas do país, porém dá ênfase à música de Miranda do Douro, destacando os gaiteiros e os seus instrumentos indispensáveis (gaita-de-foles, caixa e bombo), com a investigação, recolha, estudo e edição das músicas de diferentes regiões. Os CDs editados por *Sons da Terra* podem ser visualizados em lojas portuguesas de música, em estabelecimentos comerciais da localidade de Miranda do Douro (por exemplo, no Museu de Miranda). *Sons da Terra* promove atividades cujo intuito é difundir a região, fá-lo através de conferências sobre a língua e, por sua vez, foca a cultura mirandesa com encontros de gaiteiros, entre outros (Quarteu & Conde 2002:101). Em Sendim, no início do ano de 2002, foi criado o Centro de Música Tradicional *Sons da Terra*, que progride na promoção da cultura tradicional do nordeste transmontano do nosso país.¹⁵

A evolução da tecnologia e da Internet permitiu que se alcançasse uma melhor propagação da informação a todos os níveis: imprensa online, rádio e as redes sociais.

¹⁴ Informação retirado do respetivo URL: <http://www.picatumilho.com/2012/#/home>

¹⁵ Informação retirado do respetivo URL: <http://www.gaitadefoles.net/grupos/sendim1.htm>

A referência à língua ou notícias subjacentes a Miranda do Douro está praticamente ausente na Imprensa em Portugal. Somente o jornal eletrónico Diário de Trás-os-Montes¹⁶ predispõe de uma secção de notícias escritas em mirandês e crónicas – escritas por Amadeu Ferreira¹⁷ – referentes a esta região. Deste modo, os meios de comunicação portugueses têm feito um esforço na publicação de notícias sobre a língua mirandesa, como por exemplo, a notícia da morte de um dos maiores investigadores desta língua, Amadeu Ferreira, com o seu aparecimento em grande parte dos meios de comunicação¹⁸. Já a música tradicional mirandesa não tem assim o mesmo impacto, apesar de existirem algumas notícias.

Por outro lado, antigamente, a Rádio Mirandum FM, localizada na cidade de Miranda do Douro, canal 101,1 MHz, transmitia todas as segundas-feiras um programa sobre a língua mirandesa “Alas de la Lhéngua” (Quarteu & Conde, 2002, p. 100).

Apesar da pouca transmissão de conteúdos da música tradicional, existem três publicações que é importante relevar. A primeira foi elaborada pelo canal História, um documentário sobre a língua mirandesa e os seus aspetos culturais, ‘*Mirandês, outra língua*’, de 2008. João Botelho realizou em 2012 o filme ‘*Anquanto la lhéngua fur cantada*’, um documentário que aborda o mirandês e a música tradicional de Miranda do Douro, sendo descrito pelo realizador como “um pequeno musical sobre uma terra e uma gente verdadeiramente extraordinárias no extremo norte de Portugal”. Este documentário também apareceu noticiado nos media e foi transmitido na RTP2. ‘*O povo que ainda canta*’ é um projeto de Tiago Pereira, na gravação de músicas tradicionais do país, com passagem também pelo Planalto Mirandês. Existem vários episódios gravados nesta região com passagem na RTP1 e na Antena1, no ano de 2015.

Em 2005, Mário Correia, diretor do *Sons da Terra*, escreveu um manifesto à comunicação social que suscitou intensa e acalorada discussão em Portugal e em Espanha, sobre a falta de divulgação da música tradicional mirandesa nos meios de comunicação (Anexo 1).

Num outro âmbito, Segundo Marteleto, as redes sociais representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e

¹⁶ Respetivo URL do Diário de Trás-os-Montes: <http://www.diariodetrasmontes.com>

¹⁷ Informação retirada do respetivo URL: <http://notassoltasecoisasdoce.blogspot.pt/tag/biografias>

¹⁸ Informação retirada do respetivo URL: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-amadeu-ferreira-um-dos-maiores-defensores-da-lingua-mirandesa-1687733>

interesses compartilhados” (Marteleto, 2001, p. 72). As redes sociais constituem, deste modo, uma das estratégias utilizadas pela sociedade para o compartilhamento da informação e do conhecimento entre navegadores distintos. Páginas de Facebook, bem como do Instagram, Twitter, entre outros, são os principais meios de divulgação de qualquer tema. Na Internet há muitos poucos sítios onde se manifesta, por escrito, a língua mirandesa. Relativamente à expansão da música tradicional mirandesa, esta difunde-se, então, em páginas de Facebook associadas à região em causa. É o caso da página do Município de Miranda do Douro¹⁹, que promove a divulgação de atividades relacionadas com a região, entre as quais se destaca a música tradicional mirandesa, como a título de exemplo, a atuação dos grupos existentes no mesmo município.

Outra das formas de indagar informação das respetivas músicas mirandesas é navegar no site dos grupos existentes. Estes sites acarretam uma estrutura complexa de cada elemento, datas de concerto, contactos e a ficha técnica a eles inerente. Por outro lado, é visível a demonstração dos instrumentos por eles requisitados, álbuns publicados, as músicas deles e, além disso, notícias atualizadas sobre o percurso realizado. Existem, ainda, grupos que disponibilizam a reprodução de uma das suas músicas enquanto se navega no seu website. Para além disso, em consequência deste site, em 2010, por exemplo, o grupo Galandum Galundaina, para além da atribuição do Prémio Megafone, um dos seus álbuns (Senhor Galandum) foi reconhecido pelos jornais Público e Blitz como um dos dez melhores álbuns nacionais, como se verifica no site do grupo²⁰.

Por fim, a comunicação interpessoal tem o seu papel fundamental. Apesar de não ser uma rede social é uma rede real que permite a passagem do testemunho dos mais antigos para os novatos. A população que vive em Miranda do Douro reconhece a sua cultura a nível musical e é esta que tem o papel de manter a tradição e o reconhecimento da sua própria província.

Na seguinte tabela, revelamos algumas notícias sobre a temática publicadas, quer em jornais, televisão e a rádio nacionais generalistas. No entanto, quando realizámos a pesquisa, os resultados sobre a música mirandesa nos media foram escassos.

¹⁹ Respetivo URL da página de Facebook do Município de Miranda do Douro:

https://www.facebook.com/permalink.php?id=223260891102769&story_fbid=733047726790747

²⁰ <http://www.galandum.co.pt>

Tabela 1- A música mirandesa nos media ao longo dos anos

Meio de Comunicação	Título	URL
Jornal Notícias	Música: Galandum Galundaina tocam canções mirandesas no dia 17 em Gualtar	http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=1534642
Porto Canal	Grupo folk de Miranda do Douro procura internacionalização em certame da Galiza	http://portocanal.sapo.pt/noticia/41231/
Público	Galandum Galundaina e o planalto mirandês	http://www.publico.pt/perfil/jornal/galandum-galundaina-e-o-planalto-mirandes-26150391
Rádio TSF	Mário Correia – os Sons da Terra	http://www.tsf.pt/portugal/interior/mario-correia-os-sons-da-terra-4709676.html
RTP 1	Grupo de Música Mirandesa está a gravar novo disco com letras de Amadeu Ferreira	http://www.rtp.pt/noticias/cultura/grupo-de-musica-mirandesa-esta-a-gravar-novo-disco-com-letras-de-amadeu-ferreira_v808733

Entrevistas

Ao analisarmos as entrevistas de Mário Correia, Carlos Ferreira e Henrique Marques, podemos ver que são complementares e convergentes. Um dos aspetos que mais se destaca na entrevista realizada a ambos é o visível orgulho com que falam da cultura mirandesa. É algo que se sente e pressente através das palavras que empregam, dos exemplos que apresentam e sobretudo através dos esforços que empreendem diariamente para que a Cultura Mirandesa não seja esquecida ou desvalorizada em relação a outras culturas, com igual valor.

Em relação às respostas obtidas na primeira questão “Qual o papel da música tradicional mirandesa na divulgação da língua mirandesa?”, Mário Correia afirma que são muito reduzidos os temas interpretados em Mirandês, a maioria das músicas que hoje se cantam provêm de trechos de romances tradicionais que acabaram por se transformar em cantigas. Mas também nos diz que cada vez menos se canta na terra de Miranda, optando-se pelas recriações instrumentais das músicas tradicionais o que, segundo Correia “constitui um recuo muito comprometedor da presença do Mirandês nas expressões musicais”, o entrevistado enumerou também os esforços de grupos musicais (como os *Galandum Galundaina*, *Grupo Trasca* e *Lenga-Lenga – Gaiteiros de Sendim*) que recuperaram reportórios esquecidos ou pouco divulgados e embora estas ações sejam positivas são manifestamente insuficientes. Carlos Ferreira e Henrique Fernandes apostam na divulgação como fator fundamental de evolução cultural. Ferreira sublinha

ainda o caráter diferenciador que uma língua acrescenta à música, tornando-a culturalmente única. Destaca a satisfação que advém do reconhecimento dos outros que nos surge através dos media e das redes sociais como o Facebook, satisfação essa que nos orgulha e conseqüentemente nos impele valorizar esse nosso aspeto cultural.

Nas respostas à segunda questão “Como classifica o papel dos media na difusão da música tradicional mirandesa e, assim, da língua mirandesa?” podemos observar que o papel dos media é de crucial importância na Causa Mirandesa, causa esta que, segundo Carlos Ferreira é “simpática” para os media e que os mesmos têm uma importância crucial para que demarque o seu lugar no Mundo. No entanto há muito mais a fazer. Mário Correia defende que se deveriam definir critérios de programação rigorosos no que se refere à defesa da identidade do património imaterial mirandês.

Na terceira questão “Acha que os media poderiam melhorar se apostassem mais na música e língua mirandesa?” as respostas são diferentes mas complementares. Mário Correia sugere a existência de uma rádio “plural, múltipla e diversificada”, de modo a que a música *Folk* e Tradicional seja “divulgada, explicada, comentada e fundamentada”, no que toca à Imprensa acha que se extinguiu a divulgação destes géneros musicais (sendo mencionados esporadicamente) e que no setor televisivo imperam os estilos musicais mais modernos. Por sua vez, Carlos Ferreira defende que a melhor forma de melhorarmos a divulgação da Cultura Mirandesa é através da educação, formando-se pessoas informadas sobre a mesma, inculcando-lhes orgulho na sua cultura e demonstrando-lhes a grandeza da mesma uma vez que “só se tem orgulho naquilo que se conhece”. Para Ferreira, é através do aprofundamento dos conhecimentos, reconhecendo o que os diferencia e apostando nessa mesma particularidade, que os jovens mirandeses poderão veicular uma mensagem positiva e poderosa em relação ao Mirandês. Já Henrique Fernandes defende que o verdadeiro problema está, não na divulgação mas nos conteúdos informativos divulgados, nas fontes que fornecem a informação sobre o assunto e que a triagem da mesma deverá ser supervisionada por alguém que entenda “a importância” e possua “sensibilidade” nesta área.

Na quarta e última questão “Acha que a língua mirandesa vai acabar por se extinguir e, assim, a música tradicional mirandesa?” Mário Correia e Carlos Ferreira concordam em dizer que sim, reconhecendo que enfrentará dificuldades no futuro mas que tudo estará nas mãos das pessoas, da vontade e de uma atitude pro-ativa e de intervenção de modo a que se retarde esta extinção. Correia defende que a Música poderá

garantir a sua sobrevivência com ou sem a língua mirandesa, mas Ferreira frisa de novo que esta retardação passa pelos valores e educação transmitidos às gerações do futuro e que também aqui se aplica a Lei da Matéria de Lavoisier: “Nada se perde, tudo se transforma”. No entanto, Henrique Fernandes, embora tenha respondido que não, a verdade é que podemos ver que pensa de forma semelhante aos restantes entrevistados, quando afirma que, na sua opinião, “enquanto existir população radicada no planalto, essa ideia fica desde já posta de lado”.

Questionário

Este questionário pretende analisar o conhecimento dos inquiridos sobre a música tradicional mirandesa e o papel dos media na difusão da mesma. Este instrumento de pesquisa vem enriquecer-nos com mais informação e será utilizado como um meio complementar para conseguirmos resolver a nossa problemática – “Qual o papel dos media na difusão da Música Mirandesa?”

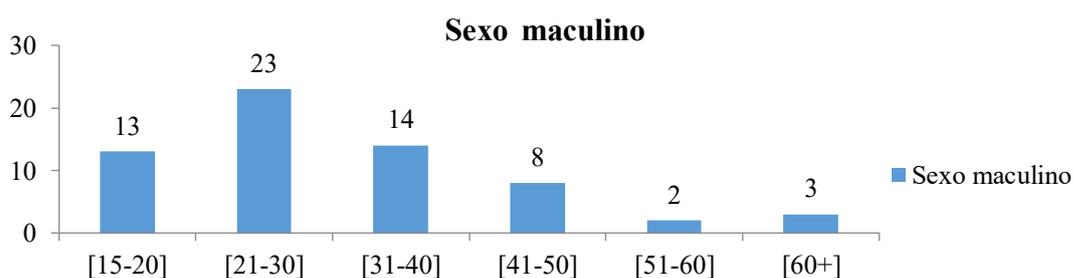
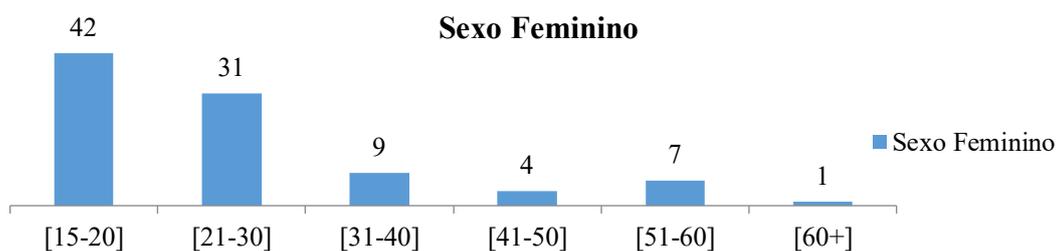
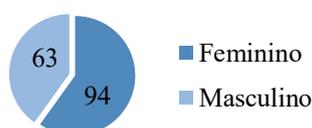
Decidimos fazer um inquérito simples, objectivo e de resposta fechada de forma que todos conseguissem interpretar da melhor maneira e respondessem com facilidade. Começamos por pedir o sexo do entrevistado, depois dividimos a idade em cinco sectores etários - [15-20], [21-30], [31-40], [41-50], [51-60], [60+] – e separamos as pessoas que vivem do Nordeste das que vivem no Noroeste, para que depois houvesse uma análise mais pormenorizada e correta.

A nossa amostra é constituída por 157 inquiridos e as perguntas que seleccionamos foram, primeiramente, se os entrevistados conhecem a Língua Mirandesa, se têm conhecimento que a Língua Mirandesa é a segunda língua oficial de Portugal, aqui, caso a resposta seja positiva perguntamos através de que meio (meios de comunicação, internet – comunicação interpessoal). A terceira pergunta é se alguma vez os inquiridos tiveram contacto com a música tradicional mirandesa. As duas últimas vão de encontro com a nossa problemática – “Considera que os media têm tido um papel fundamental na difusão da Música Tradicional Mirandesa? E “Acha que a Música Tradicional Mirandesa deveria ter mais destaque no panorama da música nacional?”. Todas as respostas serão divididas em sexo, sector etário e região onde vivem (Nordeste/ Noroeste) quando analisadas, para percebermos também a variação das respostas tendo em conta estes indicadores.

De ressaltar que a análise do inquérito é com base numa amostra, ou seja, uma pequena representação dos habitantes do Nordeste e Noroeste de Portugal e nem sempre pode corresponder ao conhecimento geral do universo em estudo.

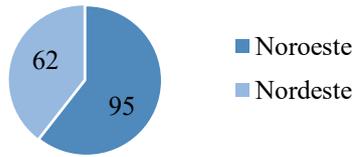
Inquérito	
Público-alvo	Habitantes do Nordeste e Noroeste do país
Número de inquiridos	157
Amostra	Aleatória
Inquérito autoadministrado	

Número de Inquiridos



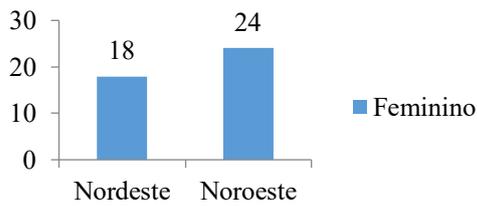
Observações: Na nossa amostra de 157 indivíduos, 94 são do sexo feminino (maioria) estando distribuídos em sectores de idade: [15-20] (42), [21-30] (31), [31-40] (9), [41-50] (4), [51-60] (7), [60+] (1). 63 Indivíduos são do sexo masculino: [15-20] (13), [21-30] (23), [31-40] (14), [41-50] (8), [51-60] (2), [60+] (3).

Inquiridos



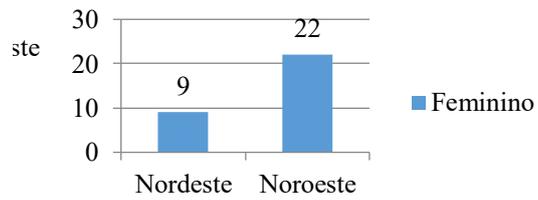
Nordeste

Feminino [15-20]

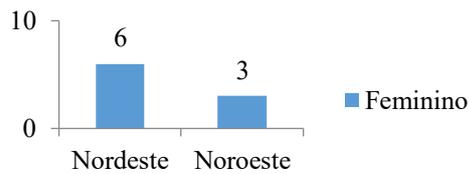


Noroeste

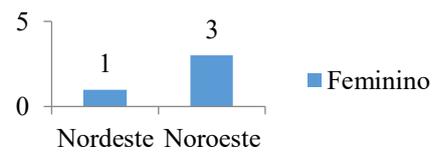
Feminino [21-30]



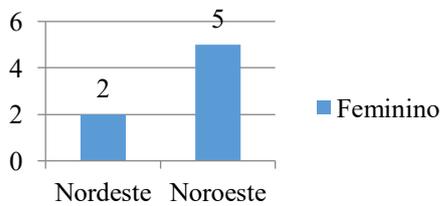
Feminino [31-40]



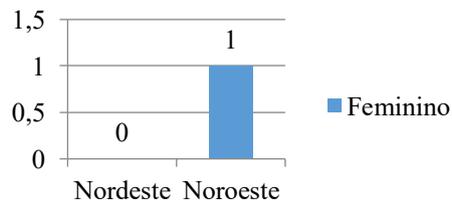
Feminino [41-50]



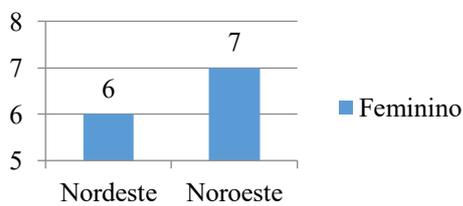
Feminino [51-60]



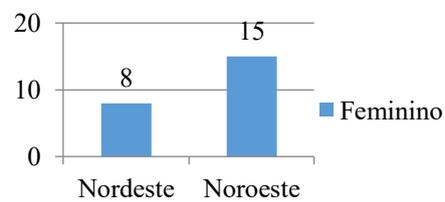
Feminino [60+]



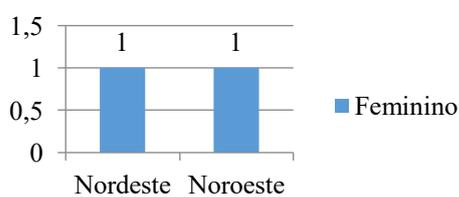
Masculino [15-20]



Masculino [21-30]

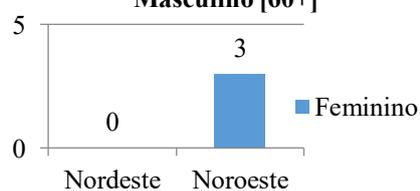


Masculino [51-60]



Masculino [41-50]

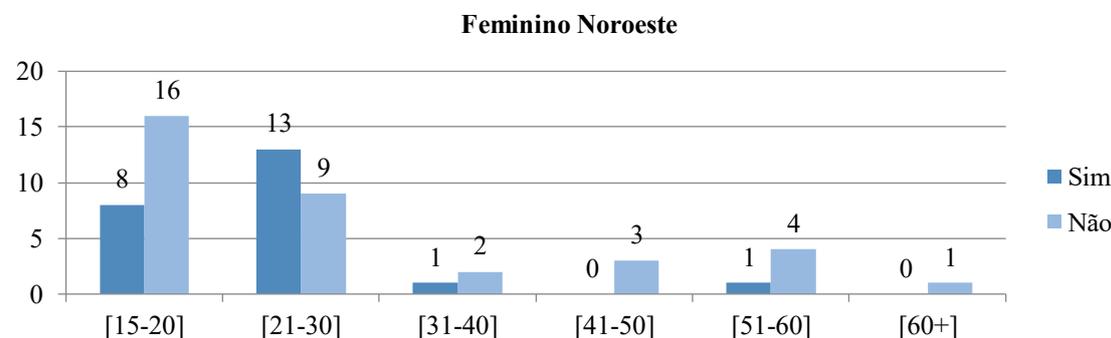
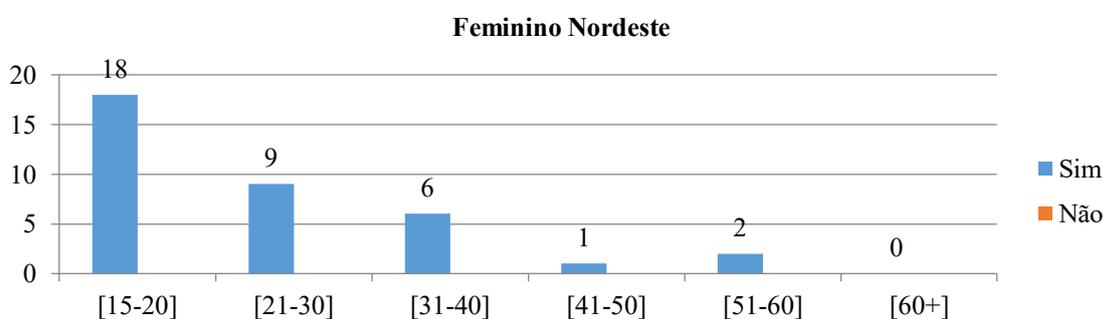
Masculino [60+]



Observações: Quando elaboramos este inquérito pensamos logo que para respondermos à nossa problemática tínhamos de aplicar um sistema rigoroso. Foi então que decidimos colocar no nosso questionário a divisão entre as pessoas que vivem no Nordeste e as que vivem no Noroeste. Na amostra encontramos 95 pessoas do Noroeste (58 feminino/ 37 masculino) e 62 do Nordeste (36 feminino/ 26 masculino).

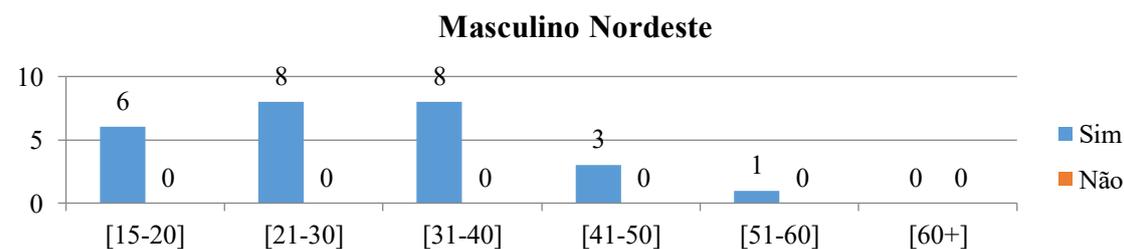
1. Conhece a Língua Mirandesa?

Nordeste 36		Noroeste 58	
Sim	36	Sim	23
Não	0	Não	35

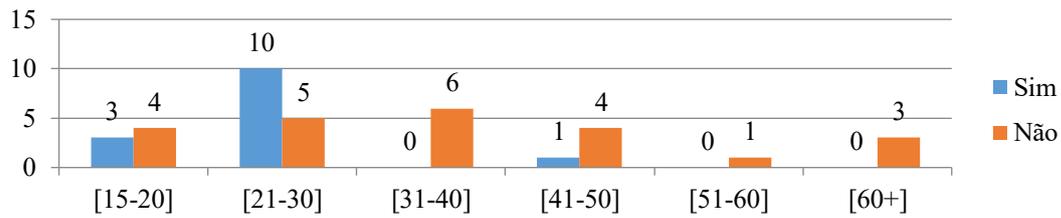


Masculino

Nordeste 26		Noroeste 37	
Sim	26	Sim	14
Não	0	Não	23



Masculino Noroeste



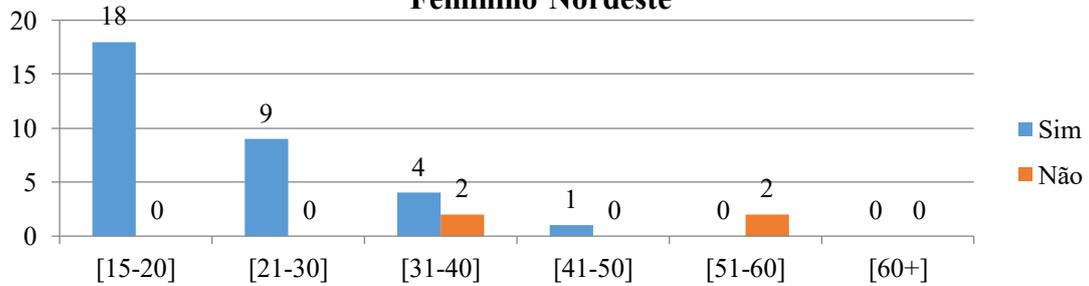
Observações: Na pergunta – conheces a língua mirandesa? - verificamos uma discrepância de resposta entre as pessoas que vivem no Nordeste e as que vivem no Noroeste. As do Nordeste conhecem a 100% a língua mirandesa enquanto Noroeste as pessoas dividem-se notando-se que tanto no sexo feminino como no masculino a resposta “não” predomina.

2. Tem conhecimento que a Língua Mirandesa é a segunda Língua oficial de Portugal?

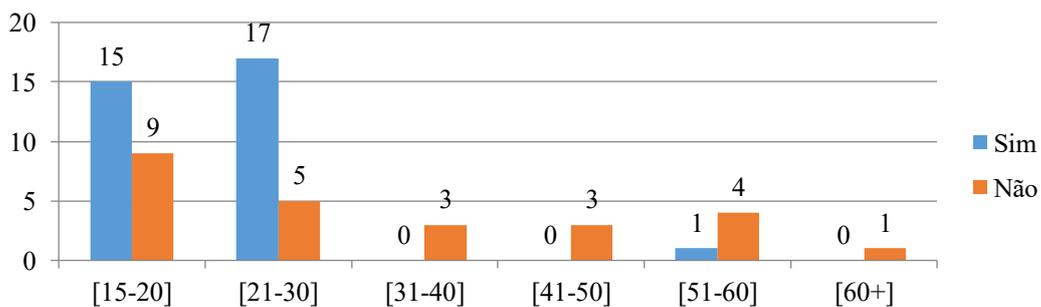
Feminino

Nordeste 36		Noroeste 58	
Sim	32	Sim	33
Não	4	Não	25

Feminino Nordeste



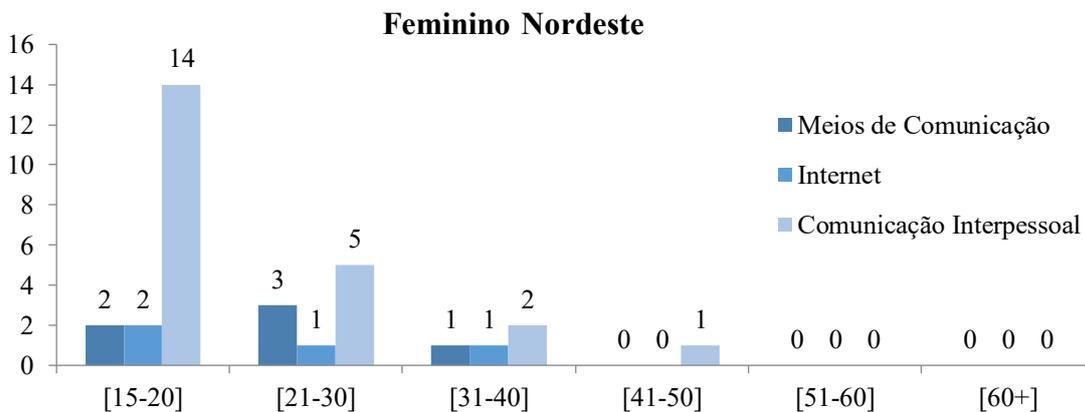
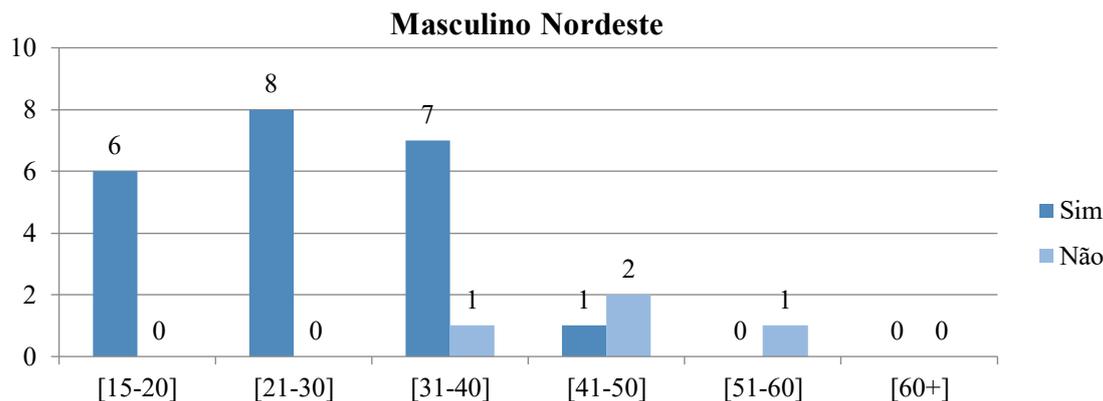
Feminino Noroeste



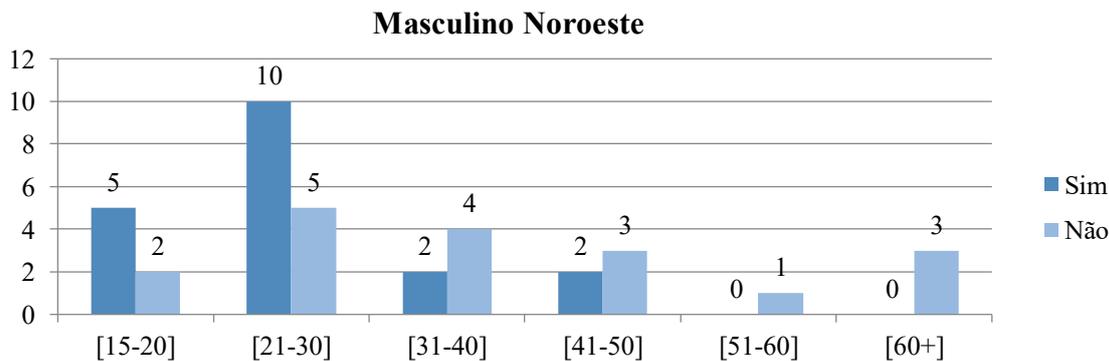
Masculino

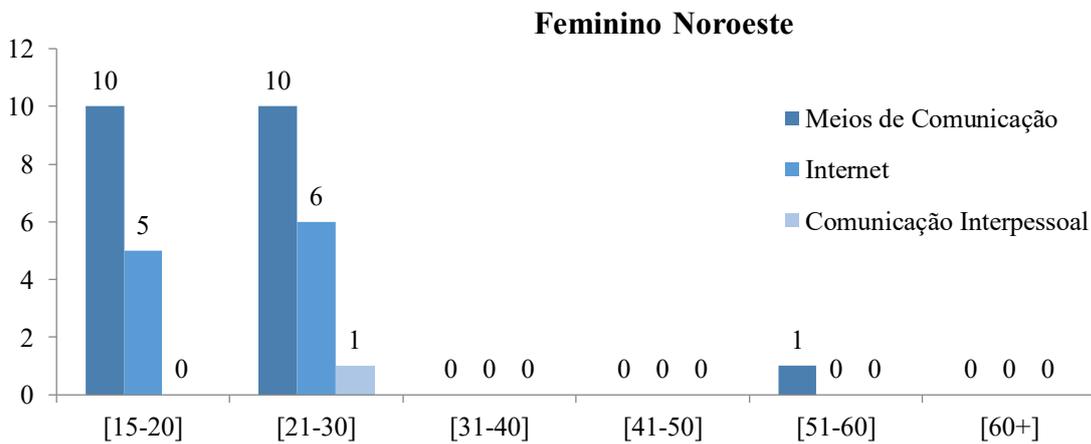
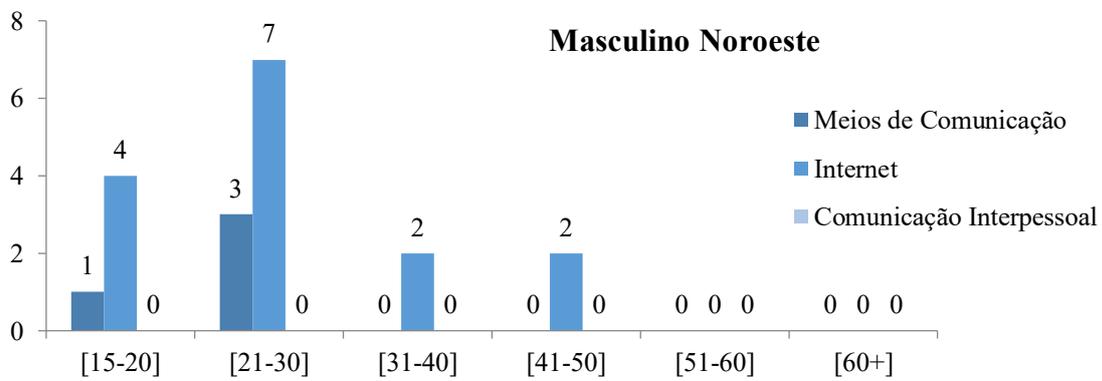
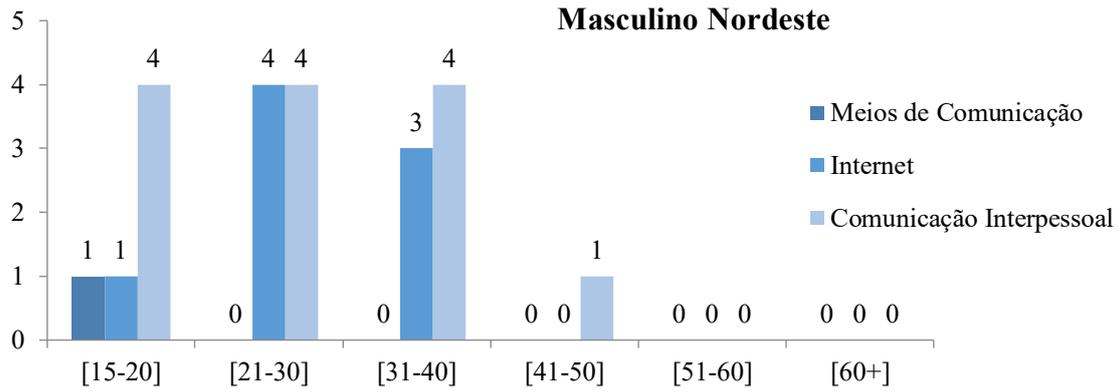
Nordeste 26		Noroeste 37	
Sim	23	Sim	19
Não	3	Não	18

Observações: Aqui repetimos a lógica da pergunta anterior. Apesar de existirem pessoas (poucas) a Nordeste que ainda não têm conhecimento que a Língua Mirandesa é a segunda língua oficial do país.



2.1. Se respondeu sim, através de que meio?





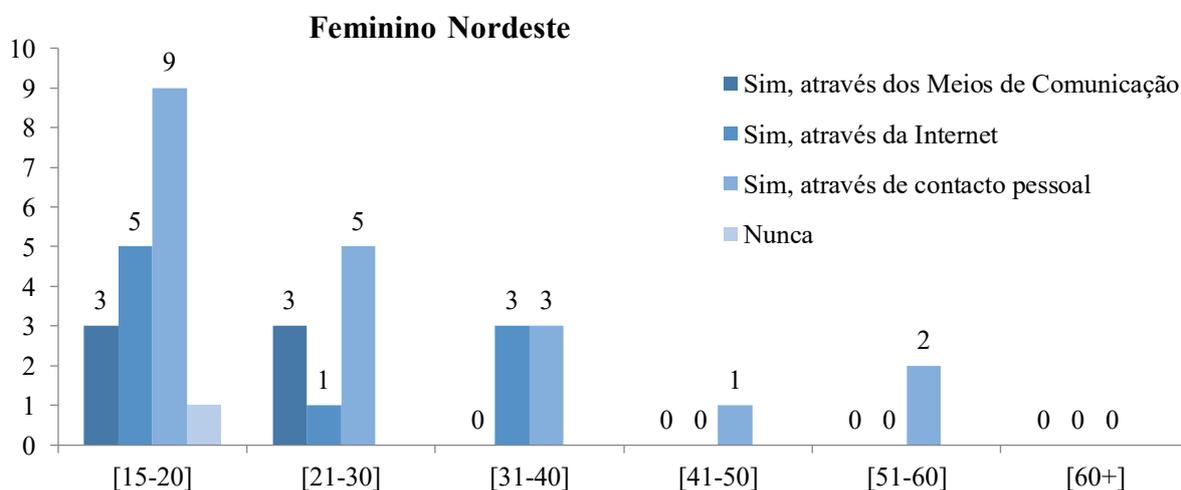
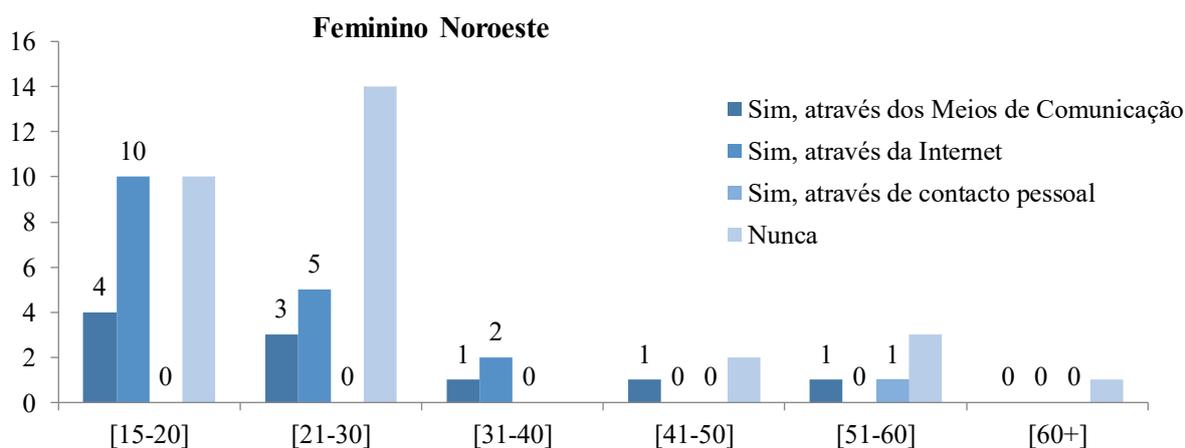
Observações: A conclusão que podemos tirar desta questão é que as pessoas que vivem a Nordeste do nosso país conhecem a língua mirandesa e tem conhecimento que é a segunda língua oficial do país por contacto pessoal (maioria). A Noroeste, na maioria, os que têm conhecimento tomaram-no, essencialmente, através dos meios de comunicação e da internet.

3. Alguma vez teve contacto com a Música Tradicional Mirandesa?

Feminino

Nordeste	36
Sim, através dos meios de comunicação social	6
Sim, através da internet	9
Sim, através de contacto pessoal	20
Nunca	1

Noroeste	58
Sim, através dos meios de comunicação social	10
Sim, através da internet	17
Sim, através de contacto pessoal	1
Nunca	30

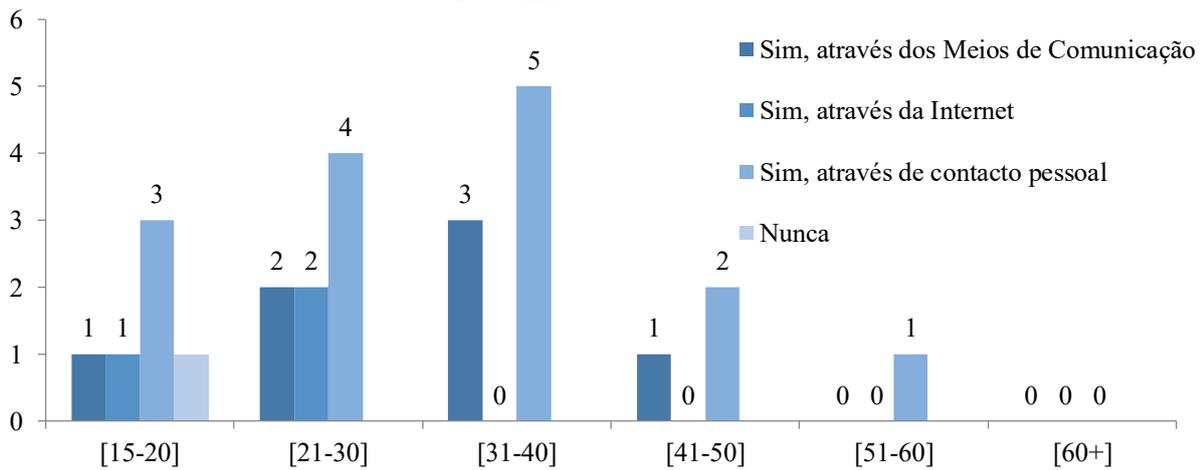


Masculino

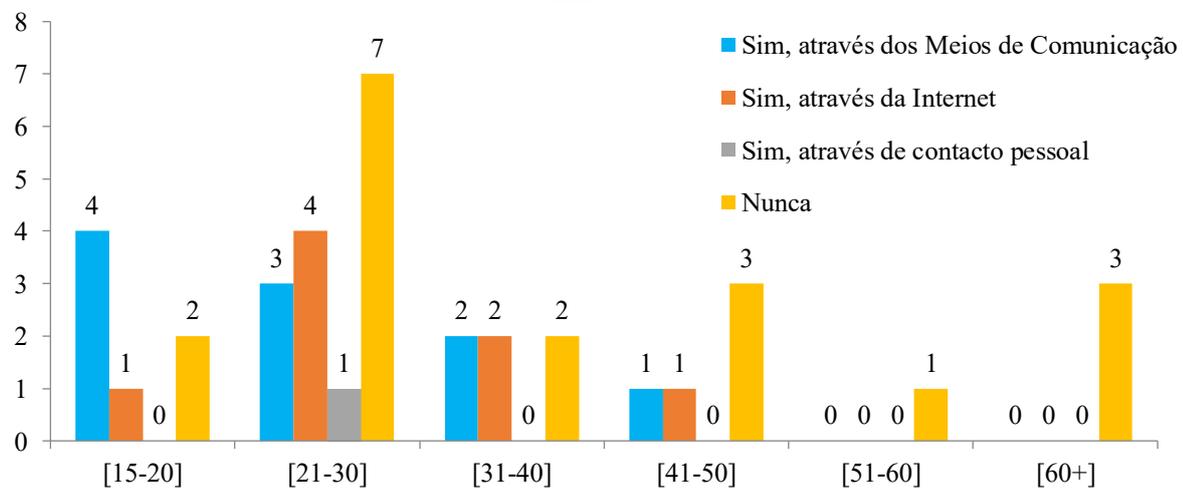
Nordeste	26
Sim, através dos meios de comunicação social	7
Sim, através da internet	3
Sim, através de contacto pessoal	15
Nunca	1

Noroeste	37
Sim, através dos meios de comunicação social	10
Sim, através da internet	8
Sim, através de contacto pessoal	1
Nunca	18

Masculino Nordeste



Masculino Noroeste

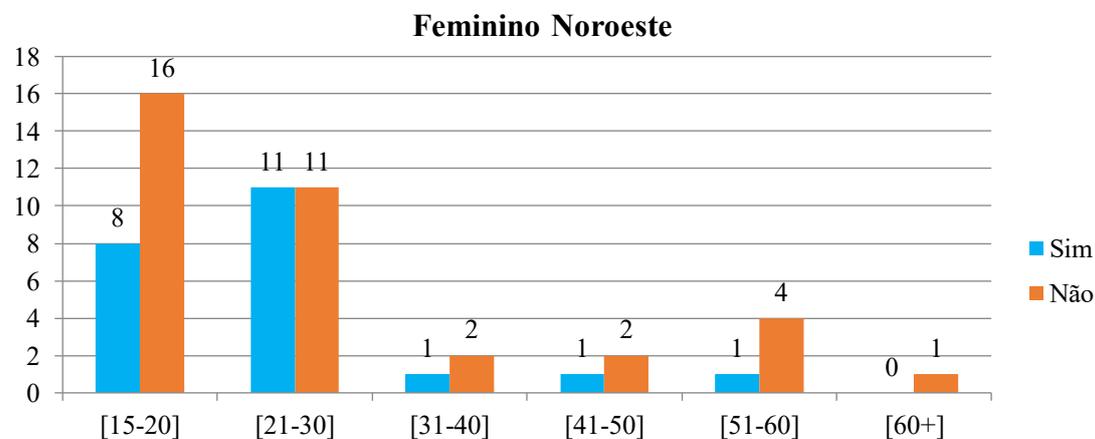
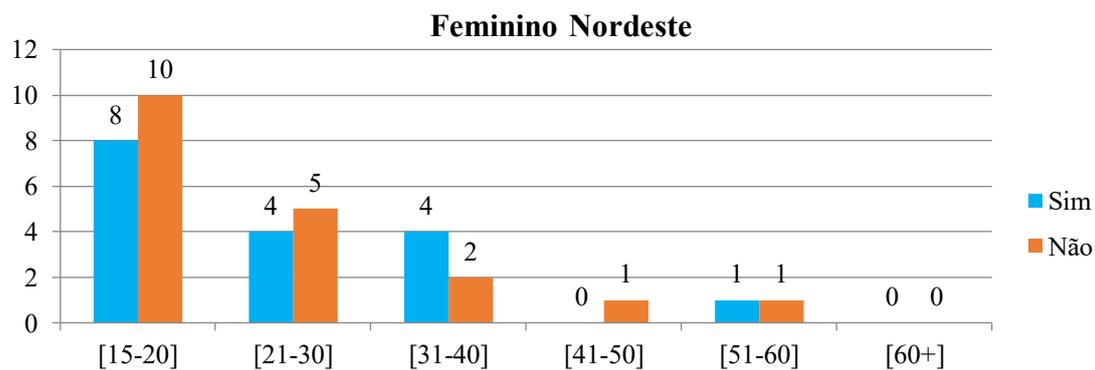


Observações: Esta questão já vem mais de encontro com a nossa problemática- “Qual o papel dos media na difusão da música mirandesa?”-e podemos concluir que tantos os inquiridos do sexo feminino como do masculino da região do Nordeste, grande parte já teve contacto pessoal com a música mirandesa. Já no Noroeste verificamos que a maioria não teve contacto com a música mirandesa e os que responderam sim foi pela internet ou pelos meios de comunicação. Por contacto pessoal apenas dois inquiridos (um feminino e um masculino).

4. Considera que os media têm tido um papel fundamental na difusão da Música Tradicional Mirandesa?

Feminino

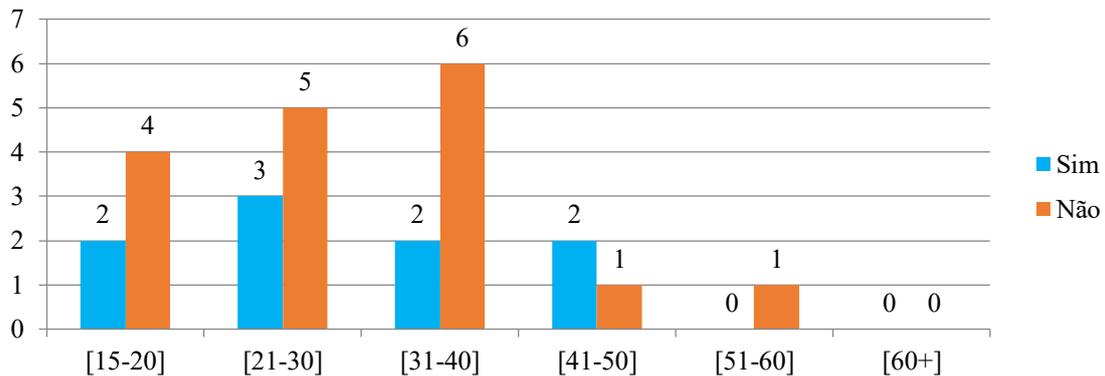
Nordeste	36	Noroeste	58
Sim	17	Sim	22
Não	19	Não	36



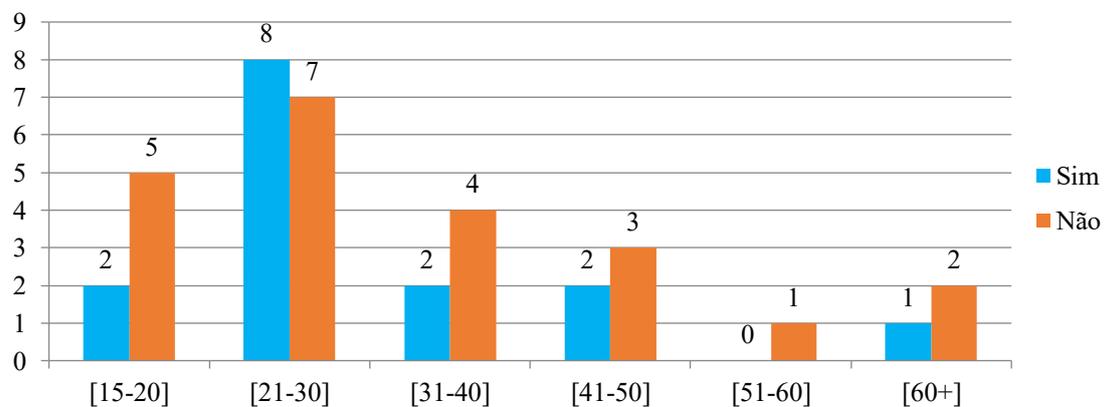
Masculino

Nordeste	26	Noroeste	37
Sim	9	Sim	15
Não	17	Não	22

Masculino Nordeste



Masculino Noroeste



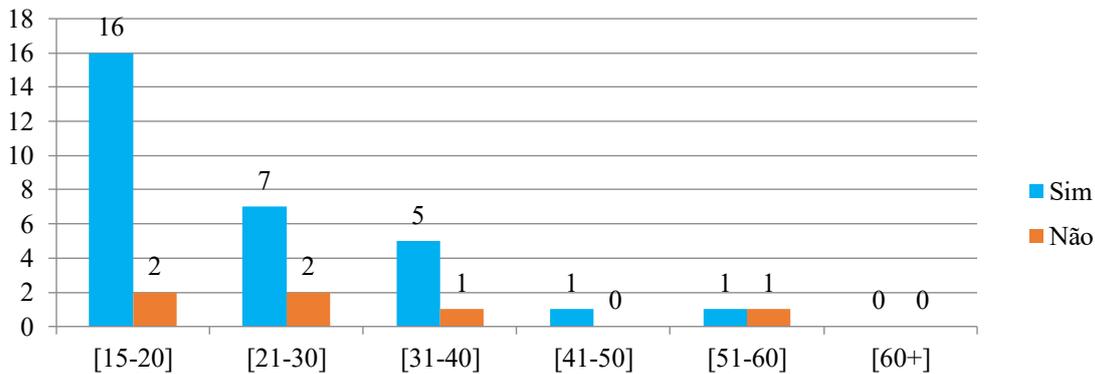
Observações: Quando perguntamos se as pessoas consideravam que os media têm tido um bom papel na difusão da música mirandesa, estávamos à espera que a maioria respondesse “não”. No entanto, não foi bem assim que aconteceu. As respostas entre o “sim” e o “não” foram equilibradas, embora de modo geral predomine ligeiramente o “não”. Apenas nos habitantes do Nordeste do sexo masculino é que se notou uma maior discrepância, considerando a maioria que os media não têm realizado um bom trabalho.

5. Acha que a Música Tradicional Mirandesa deveria ter mais destaque no panorama da música nacional?

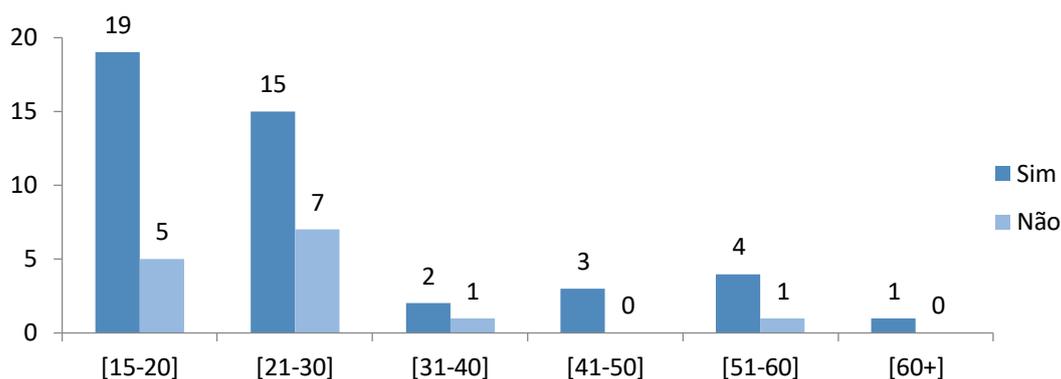
Feminino

Nordeste	36	Noroeste	58
Sim	30	Sim	44
Não	6	Não	14

Feminino Nordeste



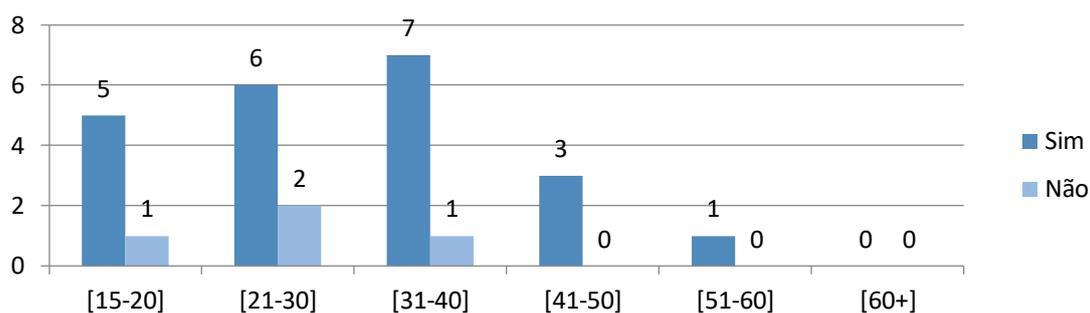
Feminino Noroeste

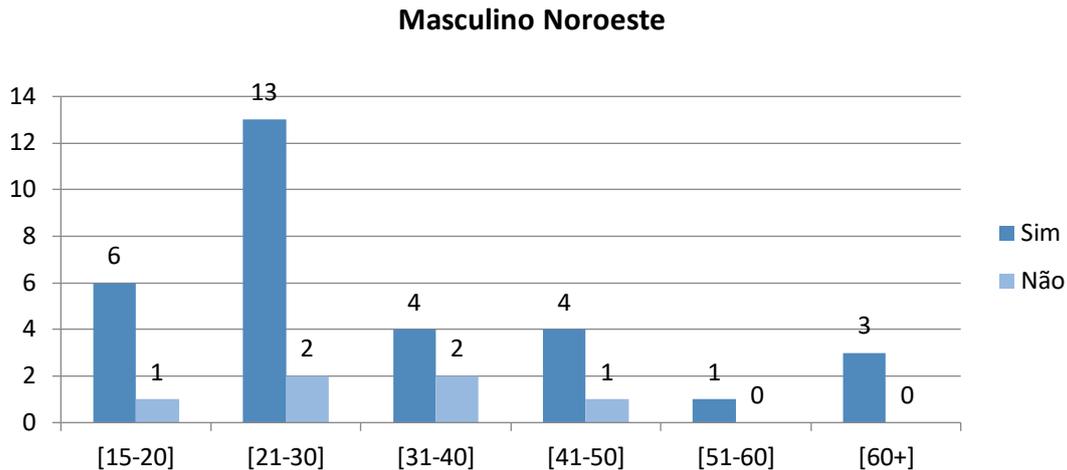


Masculino

Nordeste	26	Noroeste	37
Sim	22	Sim	31
Não	4	Não	6

Masculino Nordeste





Observações: Embora uma boa parte dos inquiridos considere que os media têm tido um bom papel na difusão da música mirandesa, 127 dos 157 indivíduos da nossa amostra consideram que a música mirandesa deveria ter um maior destaque no panorama da música nacional. Concluindo assim que ainda há muito trabalho pela frente para que a música mirandesa seja realmente valorizada por todos os portugueses.

Discussão de Resultados

O presente inquérito é um meio de pesquisa de opinião que vem complementar a reposta à nossa problemática. De uma forma geral podemos dizer que existe uma grande discrepância de respostas entre entrevistados que residem no Nordeste e Noroeste do país. Um bom exemplo disto é quando perguntamos se conhecem e sabem que a língua Mirandesa é a segunda língua oficial de Portugal. A maioria dos entrevistados do Nordeste responderam que “sim” contra um número significativo dos do Noroeste que responderam “não.” Notando-se a mesma diferença ao longo das questões colocadas.

Na questão três - Alguma vez teve contacto com a Música Tradicional Mirandesa? - tanto os inquiridos do sexo feminino como do masculino da região do Nordeste, a maioria já teve contacto pessoal com a música mirandesa. Já no Noroeste verificamos que apenas dois entrevistados tiveram contacto com a música mirandesa e que os que responderam que já tiveram contacto pela internet ou pelos meios de comunicação estão compreendidos entre os sectores de idade dos [15-20] e dos [21-30], isto certamente, por ser a geração do acesso fácil à internet e à informação.

Na questão quatro - Considera que os media têm tido um papel fundamental na difusão da Música Tradicional Mirandesa? – ,embora os entrevistados mostrassem-se divididos o “não” foi a resposta maioritária, verificando que os media têm de ter um papel fixo e mais presente na divulgação para que as pessoas conheçam a música mirandesa. Na última questão – “Acha que a Música Tradicional Mirandesa deveria ter mais destaque no panorama da música nacional?”, existe uma homogeneidade de resposta (o “não”), concluindo assim que as pessoas consideram que realmente a música mirandesa deveria ter um maior destaque no panorama da música nacional. Os media se assumirem um papel preponderante poderão ser dos maiores impulsionadores para que a Música Mirandesa se sobressaia como as outras em Portugal.

Considerações finais

Podemos concluir em relação à presente pesquisa que o Mirandês apesar de ser muito mais que uma minoria por muitos desconhecida dentro do próprio espaço nacional a que pertence, é também uma forma de estar e de viver. É uma cultura com menor representação mas igual valor no seio do nosso país. Influenciados por uma língua e geografia distintas, quem o Planalto Mirandês tem como morada possui características próprias, não só ao que se prende com os modos e costumes mas também ao que se prende à forma de pensar. Estamos perante uma diversidade cultural rica, que é visível na Música Mirandesa. Desde os temas escolhidos, à musicalidade e instrumentos utilizados. Os sons distintos desta Música Mirandesa demarcam-na do resto do país. É tradução das dores mas também das agonias dos cantantes, de toda a realidade Mirandesa. Ao cruzarmos os braços perante a sua extinção, acarretamos sérias responsabilidades. Responsabilidades para com as gerações vindouras e para com a humanidade, porque a Música e toda a Cultura Mirandesas são de todos nós, são Património Imaterial da Humanidade. E cabe-nos a nós, que em primeiro lugar devemos procurar ser exemplares Cidadãos do Mundo, conservar e proteger aquilo que resta. Com este estudo podemos concluir que há mais a fazer pela Cultura Mirandesa, há, sem dúvida alguma, muito mais a fazer. Mas primeiro, eduquemo-nos. Procuremos saber cada vez mais, para que possamos afirmar conhecer uma cultura tão rica, tão pura e primordial como a Cultura Mirandesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves et al. (1999). Disponível em: <http://mirandes.no.sapo.pt/LMRNconvencao.pdf>
- Ferreira, A. (2005). *A LÍNGUA MIRANDESA - Resposta para algumas perguntas*. Disponível em: <http://manuelcarvalho.8m.com/AFMIRANDES.html>
- Association for Cultural Equity. Choreometrics. Disponível em: http://research.culturalequity.org/ce_ace_psr_choreometrics.pdf
- Blog Notas Soltas & Coisas Doces. Disponível em: <http://notassoltasecoisasdoces.blogs.sapo.pt/tag/biografias>
- Damen (1987). *Culture Learning: The Fifth Dimension in the Language Classroom*. Diário de Trás-os-Montes. Disponível em: <http://www.diariodetrasmontes.com/>; <http://www.diariodetrasmontes.com/local/36>
- Hofstede (1984). National cultures and corporate cultures. In L.A. Samovar & R.E. Porter (Eds.), *Communication Between Cultures*. Belmont, CA: Wadsworth
- Jornal Expresso (20/06/2015). *Portugueses e espanhóis assinam protocolo para promoção das línguas mirandesa e asturiana*. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/cultura/2015-06-20-Portugueses-e-espanhois-assinam-protocolo-para-promocao-das-linguas-mirandesa-e-asturiana>
- Jornal o Público (1/03/2015). *Morreu Amadeu Ferreira, um dos maiores defensores da Língua Mirandesa*. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-amadeu-ferreira-um-dos-maiores-defensores-da-lingua-mirandesa-1687733>
- Município de Miranda do Douro. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?id=223260891102769&story_fbid=733047726790747
- Quarteu & Conde (2002). Disponível em: <http://www.romaniaminor.net/ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf>
- Reconhecimento oficial de direitos linguísticos da comunidade mirandesa. Disponível em: <http://mirandes.no.sapo.pt/LMPSlei.html>
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora
- Site oficial do grupo Galandum Galundaina. Disponível em: <http://galandum.co.pt/node/18> ; <http://www.galandum.co.pt>
- Site oficial do grupo Las Çarandas. Disponível em: <http://mag.sapo.pt/musica/artigos/las-carandas-grupo-feminino-de-gaiteiras-quer-ser-lufada-de-ar-fresco-na-musica-tradicional-mirandesa?artigo-completo=sim>

Site oficial do grupo Lengalenga. Disponível em: <http://www.lengalenga.net>

Site oficial do grupo Pica Tumilho. Disponível em:

<http://www.picatumilho.com/2012/#/home>

Apêndice

Entrevista a Mário Correia

1. Qual o papel da música tradicional mirandesa na divulgação da língua mirandesa?

O contributo da música tradicional mirandesa para a divulgação da língua mirandesa é muito reduzido e deriva, desde logo, do facto de serem escassos os temas que tradicionalmente eram interpretados em mirandês. Senão vejamos: uma parte muito significativa dos laços ou lhaços possui letra em mirandês, mas estes destinavam-se apenas a servir de mnemónica aos acompanhantes instrumentais da dança de paulitos, sendo muito reduzido o número de dançantes conhecedores dos respectivos textos. Por outro lado, o repertório dos romances tradicionais é maioritariamente constituído por espécimes servidos por textos em português, apresentando-se alguns em castelhano e, em número francamente menor se não mesmo residual em mirandês (e, nestes casos, trata-se de romances que pelas vias do processo de enarração acabaram por se transformar em cantigas ou fragmentos dos mesmos). No domínio dos repertórios religiosos, o predomínio do uso do português é francamente esmagador, cingindo-se a língua mirandesa praticamente a orações (e, mesmo assim, com escassa representação no conjunto expressivo destes espécimes). No que se refere a cantigas e modas de baile, a presença de textos em mirandês é mais notória, sendo no entanto muito escasso o número de espécimes que permanecem presentes nos repertórios dos intérpretes da música tradicional (neste sentido, tem sido muito redutora a presença de um reduzido número de espécimes, que se repete, na esmagadora maioria dos intérpretes da nova vaga de recuperação da música tradicional).

Acresce um aspecto fundamental: cada vez canta-se menos na Terra de Miranda, optando-se pela recriação das vertentes instrumentais da música tradicional, o que constitui um recuo muito comprometedor da presença do mirandês nas expressões musicais.

Nos últimos tempos, tem vindo a assistir-se a uma espécie de resgate de repertórios esquecidos ou pouco divulgados (sobretudo evidente nos trabalhos de grupos de revivificação como Galandum Galundaina e Lenga-Lenga: Gaiteiros de Sendim), o que não deixa de ser positivo, mas que é manifestamente insuficiente.

Um aspecto muito importante e que pode assumir relevância cultural muito significativa: a composição de novos temas, com letras em mirandês, da autoria de Célio Pires (os quais têm vindo a ser integrados no repertório das actuações do grupo Trasca).

2. Como classifica o papel dos media na difusão da música tradicional mirandesa e, assim, da língua mirandesa?

Poderia ser um papel interessante, consubstanciado num contributo positivo para a respectiva valorização, se fossem definidos critérios de programação rigorosos no que se refere à defesa identitária desse património imaterial. O actual paradigma que rege os meios de comunicação social – rendido ao efémero e ao descartável – não contempla sequer a possibilidade de se efectuar uma divulgação criteriosa, assente em pressupostos de informação que fossem muito para além do “exotismo” que preside à divulgação das expressões minoritárias com a da música tradicional mirandesa. Acresce que se trata normalmente de uma divulgação esporádica e circunstancial – não creio que sirva de alguma coisa “entalar” um tema de Galandum Galundaina entre um “hip hop” e um subproduto da “pop” do momento –, descontextualizada e desinserida do quadro cultural em que surgiu. As músicas tradicionais possuem um cordão umbilical que, uma vez cortada, as transforma em algo que as torna objectos de simples e efémera curiosidade e não as valoriza como produtos culturais que são.

3. Acha que os media poderiam melhorar se apostassem mais na música e língua mirandesa?

A opção depende da definição de uma política cultural de divulgação: as rádios, por exemplo, encontram-se submetidas à tirania das playlists que são impostas pelas pressões editoriais das companhias

discográficas. Escasseiam os programas de autor (temáticos ou não) sendo as rádios cada vez mais generalistas. Apenas conheço uma saída: a existência de um rádio plural, múltipla e diversificada na sua programação, cujo modelo já existe – a Antena 3 da RTVE (Espanha). – Apresentando uma grelha de programas que cobre TODAS as músicas. E na qual a música folk e tradicional é divulgada, explicada, comentada e fundamentada (e, em Espanha, são variadas as línguas minoritárias deste modo divulgados). Veja-se, por exemplo, o que recentemente aconteceu aos “Cantos da Casa”, uma rubrica diária na Antena 1 de Armando Carvalheda, na qual se divulgavam as músicas folk e tradicionais portuguesas: o programa foi relegado para uma emissão “clandestina” (madrugada de fim de semana). Os jornais praticamente extinguíram a divulgação da música folk e tradicional, com esporádicas menções aquando da sua presença num ou noutro festival, aquando da realização de um ou outro concerto mais mediático, ou da edição/apresentação de um ou outro disco. Acabou a crítica musical. Vivem apenas a efeméride. Quanto à televisão: impera o domínio de formas musicais mais modernas, maioritariamente interpretadas noutras línguas que não o português, língua esta que surge maioritariamente associada à divulgação do fado. Não creio que se possa usar de forma adequada o verbo apostar porque, em boa verdade, não se pode falar de aposta quando se divulga do modo como se tem divulgado.

4. Acha que a língua mirandesa vai acabar por se extinguir e, assim, a música tradicional mirandesa?

A língua mirandesa – que só apenas recentemente começou a ser dotada de um corpus de escrita coerente e estruturado a partir da aprovação da Convenção Ortográfica – não tem nem terá vida fácil no futuro. Tudo deverá passar, em primeiro lugar, pelas escolas, com continuidade na vida a depender da vontade de cada um e da consciência de que, se um dia morrer – e se nós morremos porque razão é que à língua mirandesa e a tudo o mais não há-de suceder o mesmo? – isso poderá efectivamente acontecer mas sem que cada um de nós tivesse feito alguma coisa para que isso não acontecesse. Ou seja, cada um de nós deve recusar-se a cruzar os braços e assistir impávido e sereno ao seu desaparecimento, sem nada fazer para o contrariar. Uma língua não existe fora das pessoas e a língua mirandesa morrerá só se as pessoas deixarem ou quiserem que isso suceda. A música tradicional mirandesa – que perdeu o âmbito comunitário em que vivia e era interpretada, que vi quebrar-se a cadeia da transmissão oral e que deixou de ser apre(nde)ndida por imersão, pelo simples facto de se fazer parte e viver numa certa comunidade – viu os seus usos e funções completamente alterados, contextos e territórios modificados. Poderá garantir a sua sobrevivência e continuidade com ou sem a língua mirandesa (tanto mais que muitos dos seus espécimes existem noutras culturas vizinhas, leonesas, zamoranas, asturianas e galegas..., na medida em que partilham um fundo cultural comum, com séculos de existência), sendo certo que, tal como sucedeu no passado, se vai alterar e modificar, vai incorporar outras sonoridades e outros instrumentos (como de resto já tem vindo a suceder). O seu futuro, como o da língua: depende das pessoas, do ouvido das pessoas e da boca das pessoas.

Entrevista a Carlos Ferreira

1. Qual o papel da música tradicional mirandesa na divulgação da língua mirandesa?

Uma língua constiui sempre o elemento mais diferenciador do ponto de vista cultural. Do ponto de vista absoluto, a coisa mais fantástica que o Homem conseguiu, em relação a todo o resto do mundo animal, é a língua. Portanto, uma língua caracteriza, não só uma forma de pensar, caracteriza também uma forma de estar. Numa língua, nós podemos encontrar uma sintaxe e uma morfologia, e essa sintaxe e essa morfologia combinadas entre si, criam aspetos diferenciados em relação a todas as línguas do mundo. E se eu me exprimir numa língua, eu posso me exprimir de todas as formas que existem para nós nos exprimirmos. A música é uma das formas de expressão de uma língua. Nós podemos ter a música, propriamente dita, que é uma composição de sons e de ritmos e dessas coisas todas e podemos não pôr palavras. Por isso é que eu disse agora há “cachico” que uma língua é uma expressão que vai muito mais além das palavras. A forma como nós empregamos as palavras, o significado que cada palavra tem... Eu, quando aprendo uma língua, nasço com uma língua, essa língua diferencia-me a mim, toda uma estrutura de pensamento e uma estrutura de forma de estar. Ora, uma língua... as pessoas têm uma determinada língua também estruturam uma determinada música peculiar. Quer do ponto de vista da música propriamente dita: são os sons, são as notas, é a melodia... quer do ponto de vista das poesias, das letras que hão-de ter essa música. Portanto, nós temos sempre estas duas componentes em que, se nós reduzirmos a música, por exemplo, ao canto, o canto é a expressão da música através da voz, normalmente o canto, tem que ter uma língua. E portanto, se tiver uma língua, ela diz palavras numa determinada língua. Portanto a música tradicional... porque nós às vezes falamos da música tradicional, mas atenção, é preciso ter muito cuidado. Se calhar hoje em dia nós falamos dos Pink Floyd ou dos Beatles já é tradicional, não é? Portanto, estas coisas, nós

entendemos como folk. Os autores mais conhecidos destas temáticas falam, do ponto de vista mundial da Folk. Ora o que é que é a Folk? A Folk é tudo, mais ou menos, que há por aí. Pronto, depois podemos distinguir questões mais... digamos... que são mais para compartimentar do que para separar. Portanto, a música tradicional podemos vê-la como uma compilação ao longo de muito tempo, de um conjunto de expressões sonoras que uma sociedade que fala uma determinada língua construiu. Portanto, a música tradicional, ou a Folk, que já implica isso de ser tradicional, implica uma cultura; a Folk de uma determinada sociedade, a Folk agarrada a uma determinada língua é um aspeto extremamente importante da cultura e, enquanto aspeto extremamente relevante de uma cultura, é óbvio que ao divulgarmos essa Folk, essa música tradicional, estamos a divulgar a cultura dessa sociedade, e como eu disse inicialmente: a cultura dessa sociedade, dum ponto de vista mais abrangente e mais profundo, é a sua língua. Como dizia Fernando Pessoa: “A minha pátria é a Língua Portuguesa”. Portanto, para dizer que basta a língua para ter em si toda a cultura. E nós podemos utilizar essa citação, essa construção frásica de Pessoa, para aplicar, também, ao Mirandês, ou a outra língua qualquer. Nós podemos até não falar uma determinada língua, como agora é o caso da língua mirandesa que é uma língua que sofre de uma diglossia grande. A diglossia é quando há uma língua que se impõe a outra língua, porque uma é a língua do Estado e a outra língua é uma língua regional, que perde um conjunto de usos. Isso passa-se em todo o mundo, com um conjunto de línguas ditas regionais ou ditas minoritárias, não interessa. Agora, uma forma de divulgar uma cultura, ou de divulgar uma língua... obviamente que a música é uma parte muito importante. Nós temos, na língua mirandesa, aspetos ligados à música que mais ninguém tem. Por exemplo, nós temos os “Pauliteiros”. Os “Pauliteiros” não dançam só na terra de Miranda. Dançam hoje em dia em quase todo o norte de Portugal, Universidade do Porto e o Orfeão têm um grupo de Pauliteiros e de Pauliteiras, em Castela e Leão há Pauliteiros por vários sítios, ... mas há uma coisa que só nós temos e que, às vezes, podem-nos dizer “Ah! A cultura mirandesa é uma cultura regionalista”. Portanto o facto de a confinar a uma região, tem menos importância, é de “su menos” importância. Mas não há coisas de “su menos” importância porque a cultura, toda ela é ligada ao Homem e o Homem é uma questão que nós chamamos universal. Porquê? Porque o Homem nasceu, começou a desenvolver-se na África Subsariana, na África Central... são conhecidos os crânios com 40.000 e 50.000 anos que foram encontrados nessa área, é muito conhecida a “Lucy”, aliás, os Beatles têm uma música chamada “Lucy in the Sky” ... portanto nós, quando falamos do Homem, dizemos que ele é universal. E é universal porquê? Porque ele desenvolveu-se, enquanto espécie, numa determinada região e a partir dali ele colonizou a Terra inteira. Hoje em dia, são bem conhecidas as rotas da colonização de toda a Terra pelo Homem, mas hoje o Homem está em todos os continentes, no Pólo Ártico, no Pólo Antártico, mesmo nas regiões que são extremamente adversas para se viver, o Homem está lá. E nos vários sítios cria uma cultura. Por isso é que nós dizemos que o Homem é universal, porque ele está em todo o lado. Temos um genótipo que nos liga a todos. E, eu digo muitas vezes, o que nos distingue do animal, sobretudo do animal que nos está mais próximo, dos símios superiores, dos macacos, do chimpanzé, do ponto de vista do genótipo, o que nos distingue é 1%. Eles têm praticamente 99% do nosso genótipo. E eles fazem tudo como nós, até desenvolverem uma espécie de linguagem entre eles, que não é o mesmo tipo de linguagem que a nossa. Eles fazem pela vida todos os dias, reproduzem-se, comem, guerreiam-se, apanham coisas... enfim... só há uma coisa que eles não fazem, são coisas que não servem para nada. E isso é que nos distingue: quais são as coisas que não servem para nada? É aquilo que nos torna mais elevados. A arte não serve para nada. Uma pintura não serve para nada. uma língua não serve para nada. A música não serve para nada. Mas são essas as únicas coisas que nos distinguem do macaco. Se nós não tivermos a arte, se nós não tivermos a música, se nós não tivermos a dança, se nós não tivermos a pintura, se nós não tivermos a escultura, se nós não tivermos essas coisas não somos Homens, somos animais, somos macacos. Portanto, é um aspeto extremamente importante da condição de Homem. E o Homem enquanto sociedade organizada tem que ter uma língua que o diferencia, tem que ter também uma cultura, e dentro dessa cultura, o Homem não vive sem cantar e sem dançar. Há-de reparar tem que chegar à altura das festas. E as pessoas nas festas tradicionais gastam muito dinheiro e, se calhar estamos em período de crise, mas precisamos desses períodos de festa. Precisamos de dançar, precisamos de bailar, precisamos de cantar! Nós às vezes precisamos de cantar, e é isso que nos distingue. Portanto, a música, enquanto aspeto fundador, ou extremamente importante de uma determinada cultura, nem que ela seja regional, está inscrita nessa matriz universal. Portanto, daí ela dizer que TODAS as músicas, TODAS as línguas, TODAS as sociedades são importantes. Portanto, a divulgação dessa parte do umbigo, dessa parte da cultura, é extremamente importante, porque nós podemos divulgar de mil e uma maneiras, não é? E depois, para a divulgação, existem os canais. Nós sem os canais não podemos divulgar, e os canais o que é que são? São os media. Os vários, os escritos, os filmes, as televisões, as rádios, os jornais... pronto! Sabes disto mais que eu, que andas a estudar essas coisas... portanto, divulgar significa o quê, na essência? Significa dizer “Nós estamos aqui. Nós existimos. Nós ainda não nos morremos. Nós mexemos.”. Quando nós pomos uma fotografia, um post qualquer no Facebook e depois vamos a ver os gostos “Ah! Já tenho 200 gostos! Já tive não-sei-quantas partilhas!” e isso não dá panachas! É daquelas

coisas que também não servem para nada! Mas dá-nos um prazer! Mostra-nos que existimos, que existe um conjunto de pessoas que nos reconhece. Que sabe que estamos ali. Nós precisamos... nós somos um animal gregário. O Homem é um animal gregário... Não tem hipótese! Portanto, nós necessitamos de reconhecer uns aos outros. Portanto, nós necessitamos...nós precisamos de gasolina todos os dias, e precisamos de vários tipos de gasolina. Ao carro basta-lhe uma gasolina, ou super ou gasóleo ou não-sei-quê e anda. Nós precisamos de vários tipos de gasolina. Uma das gasolinas de que precisamos é a alimentação. Batatas, arroz, carne, porque isso alimenta-nos as combustões internas que temos. Nas células, há combustões permanentes em que, os alimentos permitem essa combustão. Por isso é que nós estamos quentes, por isso é que nós vivemos, por isso é que o sangue circula. No dia em que acabarem essas combustões, nós arrefecemos, morremos. E depois precisamos de outra gasolina, que é a gasolina dos afetos. Se nós não tivermos a gasolina dos afetos, que é o reconhecimento dos outros, tu já vais ... entrando em depressão, e, muito possivelmente, se isso for levado a um determinado ponto, morremos. Portanto, precisamos desta gasolina. Que são os afetos. Que são o reconhecimento dos outros. E daí, a divulgação. Nós precisamos de divulgar! Nós precisamos de dizer “O que nós temos é fantástico!”. E se nós temos isto e é fantástico ... repara, os “Pauliteiros”, se calhar nunca pensaste nisto, empezam os llaços e acabam-nos todos com a bicha. Portanto, não há em mais nenhum, acho que há dois llaços que não começam nem acabam com a bicha, é o Ato de Contrição e é o... acho que é Santo António... Padre António! Porque repara, o Ato de Contrição do Padre António, eles próprios já são llaços sacralizados, portanto não precisam de sacralização. Portanto, a bicha não é mais do que a ... bicha tocada na gaita do gaiteiro ou se ouvires aquele gaiteiro indiano, que está com a gaita dele à frente do pote quando se levanta a serpente, a coisa não sai uma da outra, e isso agarra-nos àquela universalidade que nós falamos há bocado. Eles, com a cantiga deles que faz levantar a bicha deles, que é a cobra deles ou, a nossa bicha que faz dançar os “Pauliteiros” e que sacraliza. É um mesmo ato... religioso em relação à nossa cultura que nos agarra a esta cultura universal. Portanto e não somos todos melhores uns dos outros. Os Beatles e a música Rock, e a música Pop, nada mais fizeram que ir agarrar as músicas tradicionais deles e fazerem-nas evoluir, instigar e pô-las ao gosto de hoje em dia. Repara, que é que fazem hoje grupos como os Galandum Galandaina, que é fantástico ouvir? Pegaram em música tradicional, eles estão todos formados em música, “percebem daquela palha” e lá está! A magia! E pode depois tocar com uma Orquestra Sinfónica e com isso tudo e quando se vai subindo nos buracos, cada vez pomos a cavilha mais acima, quer dizer que, a nossa cultura chega à Cultura Clássica. Quando falamos na Música Clássica, ou na Cultura Clássica, falamos numa cultura que é, a mais fantástica, que é a mais depurada. Em poesia, eu às vezes digo que existem poemas que são as sementes. Uma semente, é uma coisica pequenina, pequericha, por exemplo uma bolota de sobreiro. Só essa bolota, dentro dela, tem a capacidade de produzir uma floresta inteira, portanto, é mágica. Portanto, essas coisicas pequeninas onde uma pessoa põe, como um disse há cachico aquela de Fernando Pessoa, que a pátria era a Língua Portuguesa, são sementes. São coisicas pequeninas que é tão complicado depurar para chegar assim a uma coisa... e a Música Clássica é igual. Quando a Música Mirandesa ganhar ares de Música Clássica, quer dizer que ela pertence à universalidade da Cultura Clássica dos povos de todos os tempos como clássica era a filosofia dos Gregos, como clássica era a construção e as esculturas dos Gregos e depois nós reinventamos o Neo-Clássico. Estás a ver? Para dizer que também e tal... Portanto, os Mirandeses não são diferentes dos outros, estão neste molho que nos ata a todos. Portanto, a divulgação da cultura, é fundamental para que haja uma evolução em relação a este universalismo, e isto mostra que nós somos tão importantes como os outros. E isto dá-nos orgulho e o orgulho, é aquela gasolina que eu disse há cachico do reconhecimento, que precisamos dele para funcionar. Eu sou um fala-barato!

2. Como classifica o papel dos media na difusão da música tradicional mirandesa e, assim, da língua mirandesa?

Nós, hoje, podemos dizer, e tu estudaste isso, que estamos na “Era Media”, não é? Ou somos media ou não somos. Portanto, nós hoje, não somos capazes de passar um cachico da nossa vida sem media, praticamente. Entramos no carro temos o rádio, estamos; muitas vezes na casa-de-banho, estamos com o telemóvel com os media a entrar por aí adiante, portanto, estamos numa era de informação, não é? Portanto, quem divulga a informação são os media e eu até digo muitas vezes que, a Causa Mirandesa, a Cultura Mirandesa é, ainda bem... uma temática simpática. E quase todos os media em Portugal, e mesmo no Estrangeiro, sempre foram extremamente simpáticos com o Mirandês. O Mirandês é, assim a modo, uma causa de um peluche: não faz mal a ninguém e eu digo muitas vezes, por exemplo, a língua mirandesa tem uma diferenciação muito grande em relação a todas as restantes minoritárias. Quase todas as línguas minoritárias que nós conhecemos, sei lá, como o Catalão, o Galego, o... para falar apenas destas daqui da Espanha, são línguas que têm subjacente uma questão ligada ao Independentismo. O Mirandês não. Os

Mirandeses sempre foram Portugueses. Sempre quiseram ser Portugueses, primeiro que os outros. E, nos vários períodos em que nós perdemos a nacionalidade para os Espanhóis, ou no perigo das Invasões Francesas, os Mirandeses foram sempre dos primeiros a levar na cabeça, porque estávamos logo aqui à mão, éramos os primeiros a levar nas orelhas, mas nós, mesmo assim, sempre fomos os primeiros a querer ser Portugueses. Portanto, não há uma ideia de Independentismo, de criar uma nação, de criar um não-sei-quê, de criar um não-sei-quantos por trás. Portanto, o Mirandês sempre foi uma causa, extremamente simpática para os media. E, portanto, os media sempre foram muito afáveis e sempre foram muito solicitadores da Cultura Mirandesa. A Cultura Mirandesa... nós às vezes falamos da Cultura Transmontana ou não-sei-quê, eu que Deus me livre, que ninguém me ouça, isso não existe. Na essência, o que existe é a Cultura Mirandesa. O resto não existe. “Ah... palavras engraçadas do Português Transmontano”: Treta! Isso não existe! O que existe é rassaibos do Leonês no falar Transmontano. Esses rassaibos do Leonês não são mais que o Mirandês, que depois se foram adulterando, evoluindo e tudo mais. Portanto, todo o Trás-Os-Montes já falou o Leonês. Todo o Trás-Os-Montes tem uma cultura, digamos, de raiz Leonesa, como é o Mirandês. Portanto, aqui cristalizaram os grandes aspetos que diferenciam Trás-Os-Montes em relação ao resto do país, estão essencialmente na Língua e na Cultura Mirandesa. O que eles ainda têm... eles já se esqueceram de mais coisas do que nós. Nós não nos esquecemos de tantas coisas. Portanto, são muitos importantes os media. Os media são importantes para tudo. Desde a política, à economia, à guerra. As guerras hoje são Guerras de Media. Muitas vezes se diz “Oh, agora diz-se que vai vir aí a Terceira Guerra Mundial!”. Agora todas as guerras são mundiais. Toda a gente dá o seu palpite sobre essa guerra. Portanto todas as guerras são mundiais, porque, António Gedeão escreveu “A minha aldeia é todo o mundo”. Portanto, todas as aldeias são o nosso mundo, a partir daí, elas só são o nosso mundo “Porque os media”. Sem os media, as outras aldeias são as dos outros e as nossas são as nossas. Portanto, temos que perceber que, sobretudo na nossa era, no nosso tempo, se não estás nos media, não existes. E nós queremos todos existir porque se não existirmos morremos. E morrer de uma forma ou morrer de outra...

3. Acha que os media poderiam melhorar se apostassem mais na música e língua mirandesa?

Nós podemos sempre melhorar as coisas. É óbvio. Sempre! Eu acho que a melhor forma de nós melhorarmos a divulgação da Cultura Mirandesa é nós termos gente informada sobre a Cultura Mirandesa. Quando eu comecei a dar aulas de Mirandês, em 2000, no ano 2000, foi na altura que o professor Raposo dava aulas de Mirandês ao 5º e 6º ano em Miranda. E eu comecei a dar desde a Primária até ao 12º em todas as escolas no concelho. E isso fez com que depois, a partir daí se fizesse um caminho novo e o Mirandês se mantivesse. Se calhar, às vezes os miúdos não ligam muito a isso, não agarram o que devem agarrar, mas agarram alguma coisa e dizem assim “Ah! O Mirandês ensina-se na escola, eu até não ando no Mirandês. MAS, se ele se ensina na escola é porque é uma coisa importante e se é uma coisa importante, eu também quero pertencer a essa coisa, eu também sou disso”. Como dizia o meu Tibô, quando foi para Lisboa e lhe perguntavam “Então tu, de onde és?”, “Sou de Miranda.”, “E em Miranda o que é que fazes tu de diferente em Miranda que não façam os outros?”, “Falo Mirandês e danço Pauliteiros!”. E ele disse aquilo porque tinha orgulho na sua cultura, e só se tem orgulho numa coisa que se conhece. Se nós não conhecermos essa coisa, não a valorizamos. Eu, imagina, na tua idade, 20 anos, fantástico! Em que as pessoas desenvolvem um conjunto de que precisam desenvolver, em conjunto de relações sociais para existirem, para constituírem família, para escolherem quem querem, os amigos, os namorados, essas coisas todas, portanto nós, damos-nos mais profundamente a conhecer e nós só apreciamos, quanto mais conhecemos profundamente. Eu digo assim, via-te ali a passar na rua e dizia “Ah, aquela gaja...” e faço um comentário qualquer. É bonita, é feia, tem o cabelo comprido, tem o cabelo louro, posso dizer alguns adjetivos, como dizem alguns autores: “Os adjetivos são todos pornográficos”! São todos muito complicados. Quando nós pomos um adjetivo, estamos a dar um palpite e isso é muito complicado. Mas, nós começamos, na dialética do Saint-Exupéry na dialética d’ “O Príncipezinho”, se nós começamos a aprisionar com os afetos, se nós começamos a aprofundar esses afetos, nós conhecemos mais e quando nós conhecemos mais, não podemos passar sem ele. E aí as coisas aprofundam-se. Portanto, o que é mais importante é que os jovens mirandeses conheçam a sua cultura, percebam que está ligada à cultura universal, que é tão importante como qualquer outra cultura e que é mais importante para eles porque é deles. Portanto, a partir daí, fazem-se coisas fantásticas. Tu, se calhar, se não considerares que a língua e a cultura mirandesa, ou a música mirandesa tem um relevo interessante, tem uma diferenciação em relação a tudo o resto, porque é tua e tu a conheces, se calhar não te preocupavas em a estudar ou a fazer trabalhos sobre ela. Se calhar, fazeres trabalhos sobre ela, diferencia-te do contexto da tua turma, do contexto do teu aspeto social profissional ou estudantil. Portanto, isso é extremamente importante. Os Galandum fizeram a vida deles com aquilo. Há outros grupos também a tentar fazer isso. E isso é fundamental. Se as pessoas conhecerem, e se as pessoas souberem dar importância. Tu, se puseres uma

peessoa nos media a falar sobre a língua e a cultura mirandesas, ou sobre a música mirandesa, e que essa pessoa não ache que aquilo é uma cultura digna, essa pessoa não vai falar bem. “Ah! Isso são umas tontices nossas! Isso são as coisas... Nada vale!” . eles dizem isso porque não têm interesse nenhum na coisa, mas ora, se tu perceberes e se achares que aquilo é tão nobre etão importante como qualquer outra, sobretudo porque é a tua, tu dignifica-la. Tu falas bem, tu tentas veicular uma mensagem positiva. E quando se veicula uma mensagem positiva, está-se a criar um mundo. Só com as mensagens positivas é que nós criamos o mundo todos os dias. Porque o resto, as negativas, é morte. E a morte é para acabar com o mundo. Portanto eu acho que quanto mais se investir... ah, isso também é uma dialética conhecida, não é? Um país... os países mais desenvolvidos do mundo, nós sabemos como é que eles funcionam, como é que estão ali. Nós sabemos que é preciso uma dose muito forte de educação, e uma dose muito forte de cultura. Se formos à Noruega ou à Suécia, à Áustria é assim, não é de outra maneira. É uma receita, é um cozinhado que é conhecido. Portanto, se nós valorizarmos a nossa cultura, se nós investirmos na nossa cultura, quer dizer que vamos ter pessoas bem informadas, bem formadas nessas áreas. Ao termos pessoas bem formadas, vão passar uma ideia positiva, vão investigar sobre essas questões, portanto haverá, cada vez mais divulgação. Eu acho que isto parece uma receita simples, nós se formos... a ver, aqui em Portugal, é difícil que as pessoas vão à Ópera, ou vão a um concerto de música clássica, mas o mesmo, por exemplo, já não acontece na Áustria. Se formos à Áustria, é normal as pessoas irem à Ópera e irem ouvir a um concerto de música clássica. Porquê? Porque desde a escola primária começam todos a aprender música clássica e a aprender essas tretas! Depois quando chegas a grande, tens aquilo dentro de ti e não há volta a dar!

4. Acha que a língua mirandesa vai acabar por se extinguir e, assim, a música tradicional mirandesa?

“Vamo” lá ver... tudo no mundo é finito. A energia que faz mover a Terra e o Sistema Solar é a luz do Sol. É o calor do Sol... ponto! Se o Sol se apagar, acaba tudo. E o Sol vai-se acabar. Não sei daqui a quantos biliões, trilhões de anos, mas vai-se acabar. Ele vai continuar a crescer enquanto fenómeno ligado a uma estrela dita “Gigante Vermelho”, vai crescer, crescer, crescer, vai envelhecer e depois vai-se contrair e vai-se apagar. E vai dar origem a novas estrelas. Pronto, aquela coisa que nós sabemos, que tudo evolui. E com a Terra vai acontecer igual. A Terra tem uma história, aqui... do ponto de vista geológico, a região mirandesa já esteve no Pólo Sul, com a deriva dos continentes e daqui por não-sei-quantos biliões de anos, vai estar no centro. Tudo Isto é dinâmico e tudo isto evolui. Portanto, tudo vai acabar. O latim, que era uma língua de um império, de um dos maiores impérios que existiram no Mundo Ocidental, que foi o império que criou a cultura ocidental, a cultura clássica, a cultura, que hoje em dia, nós consideramos a cultura dominante no mundo, não é? Que é a Europa, na essência. A Europa e a América, depois os da América vieram de nós, portanto, toda a América Latina, toda a América do Norte, toda a Europa, grande parte da Ásia... portanto, vem daí. E o latim foi a língua dos maiores filósofos. Foi a língua dos maiores poetas... Cícero... e acabou-se. E acabou-se devido ao seu sucesso. Porque falava-se em tantos lados, tantos lados, tantos lados, que depois cada lado começou a evoluir e depois acabou-se o latim. É como um pai e uma mãe morrerem, mas depois ficam cá os filhos. As línguas é exatamente a mesma coisa. Portanto, como o latim, como um conjunto de outras línguas, a língua mirandesa também se vai extinguir. Claro que se vai extinguir. E se calhar tem, mais razões para se extinguir mais depressa porque, é uma língua que não é uma língua de poder. Num país, a língua que se fala é a língua do rei. Ou a língua do presidente. Em todos os países sempre assim foi. O mirandês, como sabes, é leonês, falava-se no Reino de Leão. O Reino de Leão existiu durante o século XI, XII, XIII e não pouco no século XIV, mas, já tinha sido absorvido pelo Reino de Castela. Quando nós falamos na Reconquista, às vezes nós não nos damos conta, mas eu, fui o primeiro a especular sobre isso. Uma vez estava numa conferência, dizia lá umas tretas, um grande historiador português, que é o Mattoso. E eu disse-lhe “Oh senhor doutor, você não acha que o 1º rei português, o Afonso Henriques, havia de ter falado Mirandês?”. Dizia ele “Oh, não sei. Nunca pensei nisso. Mas diga-me lá, o que é que você acha?”. Eu disse “Olha, o Mirandês, a Língua Mirandesa é Leonês, do velho reino de Leão. O D. Afonso VI era rei de Leão, pai da Dona Teresa. Portanto, o D. Afonso VI, rei de Leão, falava Leonês e a Dona Teresa, filha de D. Afonso VI, falava Leonês. Depois o homem de Dona Teresa veio lá da França, falava Occitano ou Francês, não interessa muito para o caso. Portanto, se a Dona Teresa falava Leonês e o D. afonso Henriques era filho da Dona Teresa, D. Afonso Henriques havia de falar Leonês também, portanto havia de falar também...quando veio aqui assinar o Tratado de Zamora, os primos... o primo dele, o D. Afonso VII... eles haviam de ter falado todos Leonês, de certeza absoluta. Mas depois o Egas Moniz levou-o lá para Lamego e ele depois foi para Coimbra, foi para baixo... mas quase sempre, os reis e as pessoas que mandam falam mais do que uma língua. Portanto, também seria o caso com ele. Até havia de falar um cachico de Árabe... naquela altura, o Árabe também estava muito presente aqui. Portanto, eu acho que sim, que o Mirandês se vai extinguir como as outras línguas se hão de extinguir. O próprio Inglês! Muita gente diz que o Inglês é uma língua que se há de extinguir como

o Latim, porque depois o Inglês da Austrália há de evoluir tanto... o Inglês da Índia, o Inglês dos Estados Unidos, o Inglês de... todos os certos sítios onde se fala Inglês, vai evoluir tanto, daqui por umas centenas de anos que depois, há de chegar uma altura que serão línguas autónomas. São línguas que, digamos, entroncam no Inglês, são línguas Anglo-Saxónicas, mas, que são diferentes, não é? Se calhar, até se misturam mais com outras. Foi o que aconteceu com o Latim. Tem um conjunto de línguas latinas, um conjunto de línguas românicas. O Mirandês, claro que o Estado português investe, nós não imaginamos quanto, por ano na Língua Portuguesa. No Mirandês o que é que se investe? Nada. Tem dois ou três professores... aqui tem pouca gente... tem faltado um bocado de massa crítica... Agora digo muita vez, eu, tenho dois filhos, que atualmente têm 21 e 18 anos. Esses filhos falam Mirandês. E têm orgulho no Mirandês. Eu transmiti-lhes esse orgulho. É muito possível que, se eles tiverem filhos, os filhos deles ainda falem Mirandês. E agarrem alguma coisa do Mirandês. Portanto, isto, transporta-nos... digamos... os meus filhos terão os primeiros filhos por volta dos 30 anos e digamos que os filhos deles vão ter a Esperança Média de Vida normal, vão durar por esse tempo, vão durar 100 anos, que agora a Esperança Média de Vida é 90, anda perto de 90 para as mulheres... vai dar 100 anos. Portanto, quer dizer que, daqui a 120 anos, o Mirandês ainda se fala. Portanto ainda não se extinguiu. E depois, o Latim hoje é uma língua morta, mas não deixa, de certa forma de estar vivo. Porque está vivo em Literatura, em Poesia, em contos, em um conjunto de escritos que estão aí. De certa forma está vivo. Podemos estudá-lo, podemos lê-lo, podemos consultá-lo, podemos aprendê-lo... E o Mirandês pode ser como o Latim, que daqui a 500 anos, haja alguém que tenha vontade de aprender Mirandês! Porque sim! Portanto, essas coisas são coisas sempre muito complicadas. Agora, temos de partir do princípio que tudo se vai extinguir. Tudo! O próprio Sol e a própria Terra! Agora, as aldeias estão a desaparecer, é o fenómeno territorial e civilizacional, porque as aldeias formaram-se por volta do ano 1000, antes não havia aldeias. Havia Pagos, havia Castros, havia as pequenas vilas ligadas ao povoamento romano e só a partir da Alta Idade Média, mais ou menos, a partir do ano 1000, depois da Reconquista é que o território foi estruturado pelas aldeias. E as aldeias correspondiam a um chamado arquétipo de povoamento bem específico. Uma aldeia era uma unidade de povoamento em que as pessoas constituíam massa crítica de entre-ajuda e de auto-defesa. E, quando chegavam as colheitas, ajudavam-se uns aos outros, quando chegavam às festas tinham que ser uma série deles para dançarem e bailarem e tocarem e cantarem, porque se estiverem poucas pessoas numa festa, parece que não há festa. Portanto, essas aldeias eram um sistema que nós dizíamos “Autárcico”, nada entrava e nada saía. Eles cá dentro tinham tudo. Tinham as batatas, tinham o cereal, tinham o mel, tinham o carpinteiro, tinham o padre, tinham o barbeiro, tinham o ferreiro... tinham tudo! Não precisavam dos de fora, eram autárcicos. Quando nós chegamos a uma era civilizacional em que o mundo se configura de uma forma completamente diferente, em que é a era global, em que todas as aldeias, no mais recôndito sítio, tudo entra e tudo sai, o princípio para o qual foram criadas as aldeias desapareceu, portanto as aldeias têm que desaparecer. Se as aldeias foram criadas numa altura em que nada entrava e nada saía e agora tudo entra e tudo sai, o princípio criador das aldeias desapareceu e então elas têm que desaparecer. Elas vão morrer. Agora, há uma cultura que as aldeias criaram durante estes 1000 anos, que essa cultura fica. E genera outra cultura. Portanto, as coisas morrem sem morrer. O meu irmão Amadeu, dizia que “Tudo morre”. Tudo! Diz que a única coisa que é eterna é a metamorfose. Tudo está a sofrer metamorfoses todos os dias. E isso não é nada mais que a transposição para a cultura e para estas questões tal a Lei da Conservação da Matéria de Lavoisier: “Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Mas se não houver matéria inicial nada se transforma.

Entrevista a Henrique Fernandes, Gaiteiro

1- Qual o papel da música tradicional mirandesa na divulgação da língua mirandesa?

O papel da música tradicional mirandesa na divulgação da língua mirandesa é fundamental devido ao legado de um património linguístico, cultural, musical e etnográfico único na identidade das Terras de Miranda do Nordeste Transmontano.

2- Como classifica o papel dos media na difusão da música tradicional mirandesa e, assim, da língua mirandesa?

Esse ponto não estou em posição dar uma resposta específica, mas no meu entender o nível de exigência dos media, estão dependentes do conteúdo orientado para os tipos de públicos que estamos sujeitos em Portugal.

3- Acha que os media poderiam melhorar se apostassem mais na música e língua mirandesa?

Os media divulgam toda a informação relativo a música e língua mirandesa. Os problemas têm a ver com os conteúdos de Informação. Mais Concretamente quem são as fontes que fornecem toda a informação sobre o assunto “O Mirandês” e o responsável de fazer a triagem da mesma entender a importância ou ter sensibilidade nesta área sobre a nossa cultura “A Mirandesa”.

4- Acha que a língua mirandesa vai acabar por se extinguir e, assim, a música tradicional mirandesa?

Não acho, mas tenho a firme certeza de que tudo o que se liga a cultura e tradições mirandesas não terá termino, por vários pontos. O mais importante é enquanto existir população radicada no planalto, essa ideia fica desde já posta de lado. Talvez e só a partir desse momento em que deixa de existir população poder-se-á pensar em um processo inicial e lento do desaparecimento desta nobre e grandiosa envolvência do património linguístico, cultural, musical e etnográfico.

Anexos

Anexo 1 – Manifesto à Comunicação Social elaborado em 2005 por Mário Correia

Manifesto à Comunicação Social: A FOLK EXISTE!

Uma expressão musical maioritariamente participada mas minoritariamente divulgada nos jornais, nas rádios e nas televisões.

Devemos confessar que pensamos muito na divulgação deste texto. Não porque o tema proposto não seja oportuno, mas temendo que o mesmo, em vez de suscitar um tão necessário como urgente debate reflexivo, acabe por ser magestaticamente ignorado por aqueles que em face das críticas entendem sempre que as mesmas se dirigem aos outros. Tema de preocupação que gostaríamos de ver ser objecto de reflexão: eis os propósitos que dimanam destas palavras. Decidimos correr o risco: na certeza de que esta nossa preocupação – também indignação, também revolta!... – Com o atual panorama de divulgação pela comunicação social das músicas folk e tradicionais constitui um deficit cultural inaceitável em nome de uma pluralidade e diversidade identitária que deve caracterizar uma sociedade que recusa a uniformidade e a homogeneização. E neste contexto global não faz sequer sentido distinguir entre meios públicos e privados, como é costume fazer-se para justificar ou legitimar “opções” que, verdadeiramente, não o são. De que música é que estamos a falar quando falamos de folk? De músicas de raiz ou de inspiração nas raízes tradicionais, veiculando factores identitários (e, por vezes, de resistência) dos povos, de um modo geral assumindo formas de diálogo interactivo e intercultural com diversos géneros ou estilos musicais que derivam dos inevitáveis confrontos (re)criativos entre a tradição e a modernidade (confrontos estes que sempre existiram, aos mais diversos e distintos níveis ao longo dos séculos, a ritmos de mudança necessariamente diferenciados). E claro que não nos surpreende que muitos de vos pensem que se trata de expressões musicais desalinhas relativamente aos padrões musicais dominantes (porque impostos pela poderosa indústria discográfica transnacional) e, como tal, de ignorar (ou fingir que não existem) para não ofender (ou colocar em causa?) os interesses do mesmo modo dominantes. No entanto, muitos são aqueles que procuram nestas músicas referenciais culturais (alternativos ou complementares) de enraizamento identitário que não encontram noutras expressões musicais. E não o fazem, de modo algum, excluindo a fruição de outros géneros musicais, como não raro se pretende fazer crer (com objetivos manifestamente mistificadores). Por muito que isto vos possa surpreender (ainda temos uma certa dose de ingenuidade para admitir que possa existir um tal factor de surpresa!...) estamos a falar de uma expressão musical maioritariamente participada. Vocês nada sabem (recusamos a ideia de que não querem saber!...) sobre a extraordinária quantidade de concertos folk e de festivais que se realizam em toda a geografia europeia. E pasmem: são prática dominante as numerosas e intensas digressões realizadas por todo o lado por artistas folk bem como o facto de existir um verdadeiro circuito de festivais (em numero muito superior aos que são consagrados aos géneros musicais dominantes protegidos pela indústria discográfica transnacional), movimentando muitos milhares de pessoas (se vocês soubessem certos números de assistência a determinados eventos desta natureza estamos certos de que ficariam surpreendidos). Ou seja, a folk existe e vocês sabem que sim embora insistam em ignorar tal realidade ou vos “mandem” ignorar uma tal realidade. E também não sabem da existência de uma imprensa escrita especializada em muitos países europeus (e é no Velho Continente, como base referencial fundamental, que insistimos em permanecer!...), nem dos espaços sistemática e regularmente dedicados a este género musical nos mais prestigiados e influentes jornais diários e semanais, dos programas radiofónicos consagrados a divulgação das músicas folk e tradicionais e em espaços televisivos do mesmo modo sistemáticos e regulares. E quem dirige todos estes meios de comunicação sabe que ao contemplar tais expressões musicais está a satisfazer as necessidades lúdicas e culturais de uma parte muito significativa dos seus públicos-alvo (não é assim que somos designados nas omnipresentes “leis do mercado” que tão cegamente orientam os detentores

dos capitais dos meios de comunicação?). E não adianta usarem o estafado argumento de que estas músicas não se encontram disponíveis nas vossas discotecas. Simplesmente porque não acreditamos que os discos não vos são enviados: sabemos que as editoras vos enviam regularmente todas as suas produções, quando não são mesmo os próprios artistas que procedem a esse envio. Recusamo-nos a acreditar que pelo facto de serem normalmente pequenas editoras (em termos económicos) não tem, por esse facto, “força” suficiente para vos fazer accionar os mecanismos da respectiva divulgação. Até porque temos conhecimento de profissionais que estão sensibilizados para a necessidade de uma política plural e diversificada de programação musical, mas que simplesmente não o fazem por razões superiormente determinadas (e todos nos sabemos qual o verdadeiro peso das decisões vindas de cima!...). E, por favor, não inventem ou tentem subverter os objectivos essenciais das nossas palavras: não se trata de criar para a folk espaços privilegiados de divulgação, mas tão só de uma questão de equilíbrio e de pluralidade divulgativa. A folk existe, movimenta muito mais gente do que imaginam e assume reconhecida relevância económica e cultural. Recusamos liminarmente a ideia de que o actual estado de puro e generalizado ostracismo (existe sempre excepções!...) se deve ao facto de a música folk não estar associada a mecanismos de pre\$\$ão económica tidos como “adequados” ou de ser total a ignorância de quem decide a programação (por muito distraído que se seja é de todo impensável que não se tenha encontrado muita da música folk que por todo o lado se faz ouvir!...). Trata-se, portanto, de prestar à música folk a atenção que lhe é devida e na justa medida em que é também concedida (e ainda bem!...) a muitos outros géneros musicais. Acresce que somos muitos a trabalhar em prol da defesa, valorização e divulgação das músicas folk e tradicionais e que nada temos a provar a quem quer que seja, muito menos a quem nos ignora (pelos mais diversos e distintos motivos). Move-nos o respeito por públicos que apreciam o nosso trabalho, que compram discos folk, que vão a concertos folk, que se deslocam para assistir aos festivais folk, que navegam pela internet visitando incontáveis sites dedicados ao tema e animam discussões verdadeiramente planetárias, enquanto a generalidade da comunicação social continua rendida e prestando vassalagem ao monolitismo dominante em vez de se movimentar nos caminhos da pluralidade multicultural, como seria a todos os títulos desejável nestes tempos de uma reconhecidamente positiva mundialização da cultura (que tem vindo a ser atacada pelas forças da homogeneização cultural da globalização). Acreditamos firmemente que só podemos respeitar o outro se conhecermos a sua cultura (depois de nos respeitarmos a nós próprios conhecendo-nos com a maior e mais ampla profundidade possível).

Sejam quais forem ou continuem a ser as vossas atitudes, a verdade é só uma: a folk existe e vós sabeis bem que sim, mas continuais a fingir que não! E é pena: não pela folk, mas por vós!

Mário Correia

Centro de Musica Tradicional Sons da Terra